

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

Dissertação de mestrado

começar e...

começar:

EXPERIMENTAÇÕES

NA

ESCRITA ACADÊMICA

NA PÓS-GRADUAÇÃO

EM EDUCAÇÃO.

Victória Cardin Alfano Raposo

VICTÓRIA CARDIN ALFANO RAPOSO

COMEÇAR E... COMEÇAR:
EXPERIMENTAÇÕES NA ESCRITA ACADÊMICA
NA
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Teresa Paula Nico Rego Gonçalves

Rio de Janeiro, 2022

CIP - Catalogação na Publicação

R385c Raposo, Victória Cardin Alfano
Começar e... começar: experimentações na escrita acadêmica na pós-graduação em educação. / Victória Cardin Alfano Raposo. -- Rio de Janeiro, 2022.
143 f.

Orientadora: Teresa Paula Nico Rego Gonçalves.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2022.

1. Escrita acadêmica. 2. Experimentação. 3. Começo. I. Gonçalves, Teresa Paula Nico Rego, orient. II. Título.



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A Dissertação **"Começar e... começar: experimentações na escrita acadêmica na pós-graduação em Educação."**

Mestrando(a): **Victória Cardin Alfano Raposo**

Orientado(a) pelo(a): **Prof(a). Dr(a). Teresa de Paula Nico Rêgo Gonçalves**

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

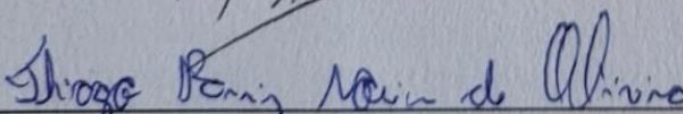
MESTRE EM EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro, 29 de novembro de 2022.

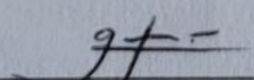
Banca Examinadora:



Prof(a). Dr(a). Teresa Paula Nico Rêgo Gonçalves - Presidente



Prof(a). Dr(a). Thiago Ranniery Moreira de Oliveira



Prof(a). Dr(a). Leandro Belinaso Guimarães

*Para Maria Jandira.
Para Vit3rio.*

RESUMO

Trata-se no fim das contas, ou melhor, no começo delas, de uma aposta em uma pesquisa que move e é movida por uma discussão com a escrita acadêmica, suas regras e Norma(s), por encrencas com alguns modos de escrever e de fazer pesquisa na universidade no campo da educação e por tropeços na construção de sentidos para o começo da escrita. O começo sempre escapa! Aqui a escrita é questionada e para tanto, a dissertação se dobra e se desdobra, bagunça e é bagunçada em e com começos, enquanto escritas fragmentárias, apostando na não linearidade, nas experimentações textuais e do pensamento, no inacabamento inescapável do que se escreve e em algo que se persegue e não que se sabe. O começo sempre escapa! Aqui a escrita é método e para tanto, a pesquisa acontece no texto na composição e na multiplicação de sentidos. O começo sempre escapa! Se há alguma pretensão aqui, é que o que escrevo e o que lemos nos descontinue mais do que nos convença, para tanto coloco em jogo um texto bagunçado, além de uma afirmação efêmera, repetitiva, incerta e experimental nos/dos começos, afirmando estranhamente o frescor do começar. O começo sempre escapa! Busco, então, uma aproximação que por horas também se afasta da seguinte questão: desde o inventar começos, de que formas se movimenta a escrita acadêmica? Insisto em conceitos como experiência, a partir, principalmente, de Michel Foucault, para apostar em uma escrita enquanto prática de liberdade e produção da diferença, que mesmo dentro de normas acadêmicas e institucionais continua produzindo até mesmo o que não se espera. O começo sempre escapa!

PALAVRAS CHAVE: escrita acadêmica, experimentação, começo.

ABSTRACT

It refers, in the end, or better saying, in the beginning, to a bet in a research that moves and are moved by a discussion with academic writing, its rules and Norm(s), for troubles with some ways of writing and researching in university educational field, and for stumbles in the making of meaning for the beginning of writing. The beginning always escapes! Here writing is questioned and therefore, the research happens in the text in the composition and multiplication of meanings. The beginning always escapes! If there is some ambition here is that what I write and what we read, discontinue us more than it convinces us, therefore I put in play a messed text, besides an ephemeral, repetitive, uncertain and experimental statement in and by the beginnings, asserting weirdly the freshness of beginning. The beginning always escapes! Then, I seek for a closeness that sometimes also depart from the follow question: since the creation of beginnings, in what ways does move academic writing? I insist in concepts like experience, mainly from Michel Foucault, to bet in writing as a practice of liberty and production of difference, that even inside academic and institutional norms keep producing even what is not expected. The beginning always escapes!

KEY WORDS: academic writing, experimentation, beginning.

TENDO ESCRITO o(s) começo(s)ⁱ para esta dissertaçãoⁱⁱ, acho prudente correr de volta para cá, antes do início, à porta da frente, por assim dizer, e dar esta desculpa aos convidados que chegam: eu lhes prometi uma pesquisaⁱⁱⁱ, mas algo deu errado na cozinha. Acabou como um diário deste último e perturbado verão. Sempre poderemos encomendar umas pizzas, se necessário.

Entrem, entrem.¹

¹ Esse trecho trata-se do começo do livro “Barba azul” de Kurt Vonnegut (1987) e foi modificado de/a partir da dissertação de Lucien Corseuil (2017, p. 15). Denominado “Políticas da bolha: por um itinerário de pesquisa menor” (2017), o trabalho de Lucien foi e é uma grande inspiração para esse texto. As referências são muitas, para tanto, decidi, assim, trazer Lucien para, digamos assim, a porta da frente.

COMEÇOS

- [Navegação do e no escrever e ler do texto: um inventário...](#)
[Norma vai almoçar...](#)
- [Escrita é desvio...](#) [Porta da frente...](#)
[O começo ficou de fora...](#)
- [De caixa não tem nada...](#)
[Responde, responde, responde...](#)
- [Experiência na ponta da língua...](#) [Começos....](#)
[Referências bibliográficas...](#) [O começo é fio...](#)
- [O começo é pré-começo...](#) [Inspiração...](#)
[Rasura...](#)
- [Onde já se viu uma dissertação sem metodologia?...](#)
- [Não tem descanso...](#) [O começo no texto...](#)
[O que aparece e desaparece...](#)
[Quando a Norma conheceu a Escrita...](#)
- [O começo jamais começou...](#) [Bagunça...](#)
- [O fim é começo...](#) [O dilema do pano de fundo...](#)
- [Sumário...](#) [O começo é repetição...](#)
[O começo é ensaio...](#)
- [Traças...](#) [Começou aos 22?...](#)
- [O fora da Norma só se constrói em relação com a Norma...](#)
- [Escrever diferença...](#) [Fragmentos de fragmentos...](#)
[Obrigação e prazer...](#)

Navegação do e no escrever e ler do texto: um inventário

1. Sumário, ou, começos

O sumário de um trabalho acadêmico nada mais seria do que uma enumeração das divisões, seções, capítulos e outras partes do trabalho, seguindo a mesma ordem e grafia em que a matéria nele se sucede². Todavia, entretanto, aqui o sumário encontra-se deslocado por efeito! Aqui, o sumário, não funciona somente como instrumento de referência. E sim, como um convite a leitura, uma leitura que não é somente orientada pela ordem em que tudo se apresenta, mas enquanto um convite que busca driblar a linearidade do que se escreve e do que se lê. Um convite para que cada um estabeleça seu trajeto. Para esse movimento, os títulos dos textos funcionam como um link, no qual ao clicá-lo você será direcionado para esse exato momento da dissertação, e para além disso, estão disponíveis sempre ao final de cada texto, no canto direito da página, o símbolo de uma dupla seta, ao clicá-la você será levado novamente ao sumário, fazendo assim um recomeço dentro e a partir de sua própria leitura. Porém, para os que recusarem o convite, ou não se sentirem confortáveis com tal proposta, ao fim do texto encontra-se um sumário dentro das ordens clássicas.

2. As fontes, ou, grafias

Ao longo do texto você encontra o uso de 3 fontes – fonte enquanto um conjunto completo de caracteres de um mesmo tipo³ – sendo elas: Garamond, Source Sans Pro Light e **Cascadia Code Extralight**. No fluir do texto as fontes são acionadas em diferentes momentos e carregando consigo certos movimentos. Enquanto o que se escreve se explicita em Garamond, “sou eu quem diz”⁴. O uso da Source Sans Pro Light é acionado para mobilizar citações de outros que não eu ao longo do trabalho. **Já a Cascadia Code Extralight move consigo frases de respiro que aparecerem entre-texto (quase) sempre em páginas em orientação paisagem.**

² De acordo com

<https://fio.edu.br/manualtcc/co/4_Sumario.html#:~:text=Conceito%3A%20o%20sum%C3%A1rio%20%C3%A9%20a,a%20serem%20feitas%20no%20trabalho>.

³ FONTE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/fonte/>>.

⁴ Mas... Quem é que fala assim dizendo que sou eu?, né Beckett? (2015, p. 19).

Em certos textos, também lanço mão do uso do itálico, ele funciona como a fonte Source Sans Pro Light, o itálico diz quando não sou eu. Basicamente, a gente fica sem saber se o eu é o eu ou se é aquele outro. Se é o vivido. Ou o inventado. É bom ser enganado.⁵

3. O meio, ou, centralizado

O texto se desdobra em textos fragmentários. A nível de sinalização, todos os fragmentos de texto que se debruçam especificamente acerca dos começos aparecem ao longo de todo texto sempre centralizados. Pois aqui, o(s) começo(s) é/são o centro, é/são o fio. Pois, aqui, o(s) começo(s) é/são meio.

4. As fontes, ou, referências

Optei nesse texto por me furtar de sinalizar as referências ao longo do texto corrido em busca de uma certa fluidez. Para tanto, e com reforço da dança com as fontes gráficas, as referências estão sinalizadas nas notas de rodapé.

5. Notas de rodapé, ou, o menor do texto

Sei que o maior do texto impressiona e chama atenção. Sei que o maior da página brilha diante dos olhos. Porém, aqui, fez-se uso das notas de rodapé para além de um instrumento de referência. Não se deixe cegar pelo maior, o menor também diz muito.

6. Notas de fim, ou, no original

Esse é um texto que se intromete e se apropria desapropriadamente do texto de outros. Encontram-se, então, várias misturas e intervenções no que outros dizem, nas quais passam a ser ditas outras coisas. Mas, mantendo uma certa ideia de rigor, apresento ao fim, nas notas de fim, o original do que antes se dizia.

⁵ TADEU, 2017, 319.

Maurice Blanchot falou assim⁶ para mim:

Uma dissertação^{iv} mesmo fragmentária tem um centro que lhe convoca. Não um centro fixo, mas que se desloca pela pressão da dissertação^v e pelas circunstâncias de sua composição. Centro fixo também que se desloca, se isso for verdadeiro, permanecendo o mesmo, e tornando-se cada vez mais central, mais preciso, mais incerto, mais imperioso. Aquele que escreve a dissertação^{vi}, escreve-a por desejo, por ignorância desse centro. O sentimento de tê-lo tocado pode muito bem não ser mais do que a ilusão de tê-lo alcançado.⁷

O meio pelo qual essa dissertação se escreve e se inscreve tem a ver com o começo da escrita.

O(s) começo(s) é o centro que convoca.

Digo com Blanchot que esse centro não é fixo.

Para tanto, ao longo da escrita o movimento não é uma busca incessante à procura de uma definição do que o começo é. Ao mesmo tempo que não é sobre o que o começo virá a ser.

⁶ Não foi bem assim... O objeto sobre quem Blanchot discorre é o livro (e não a dissertação).

⁷ BLANCHOT, 2011, p.09.

Contradigo Blanchot para dizer que aqui o começo não permanece o mesmo.

Mas o desejo de manter o começo em movimento me faz escrever.

Ou a força de escape que o começo tem me mantêm escrevendo.

¶⁸

Quando penso nos começos, tenho a impressão de que algo sempre me escapa.

Mas é a partir ou graças ou através da sua presença, da presença do(s) começo(s), ou de um permanecer do(s) começo(s), uma presença que nunca se fixa, nunca se crava, que paradoxalmente me prende a ele(s).

¶

Desde esta manhã, estou um pouco inquieto com a ideia de falar de Marguerite Duras. A leitura que fiz sobre ela, os filmes que vi me deixaram, sempre me deixam uma impressão muito forte. A presença da obra de Marguerite Duras permanece muito intensa, por mais distantes que tenham sido minhas leituras; e eis que, no momento de falar dela, tenho a impressão de que tudo me escapa. Uma espécie de força nua diante da qual se desliza, sobre a qual as mãos não têm poder. É a presença dessa força, força móvel e uniforme, dessa presença ao mesmo tempo

⁸ Esse é um sinal gráfico conhecido como 'interrobang', palavra formada em inglês a partir de interrogation + bang'. Nada mais é do que à justaposição dos pontos de interrogação e exclamação. Aqui o que é dito é tanto exclamação quanto questionamento.

fugidia, é isso que me impede de falar dela, e que sem dúvida me prende a ela.⁹



Impotente diante do(s) começo(s) que esse texto se desdobra na tentativa de avançar no sentido sem, todavia, o fechar¹⁰, apostando aqui em uma experimentação com a palavra.

Esses muitos sentidos de começo se movem segundo um movimento serial de desligamentos, de encavalamentos, de variações.¹¹

É preciso aceitar dividir essa totalidade em momentos sucessivos que parecem contradizer-se ou, pelo menos, perder-se e abandonar-se.¹²

Porque não se trata de um aprofundamento do que seria o começo, nem de uma substituição de sentidos.

O que aqui se afirma, e que não necessariamente se defende (estamos sendo acusados de algo?! Isso é um tribunal? O juízo de Deus? O juízo final? Ou estamos aqui só para desfrutar

⁹ FOUCAULT, 2011, p. 356.

¹⁰ RAMOS DO Ó, 2019, p. 456.

¹¹ BARTHES, 2004, p. 69.

¹² BARTHES, 1981, p. 69.

disso?¹³) não é sobre o que começo é ou vira.

Mas na força da experimentação da escrita acadêmica desde o(s) começo(s).



O que é começar^{vii}? Como começar? Para esta pergunta única, tentei diversas respostas, linguagens que puderam variar ao longo de dois anos^{viii}; a minha dissertação^{ix} é, à letra, uma antologia de ensaios, de experiências diferentes referindo-se sempre, no entanto, à mesma pergunta¹⁴: desde o inventar começos, de que formas se movimenta a escrita acadêmica?

¹³ TADEU, 2007, p. 307.

¹⁴ BARTHES, 1981, p. 31.

Gostando de encontrar, de escrever
começos, ele tende a multiplicar esse
prazer: eis porque ele escreve fragmentos:
tantos fragmentos, tantos começos, tantos
prazeres, mas ele não gosta dos fins: o
risco de cláusula retórica é grande
demais: receio de não saber resistir a
última palavra, à última réplica¹⁵.

¹⁵ BARTHES, 1977, p. 109.

Responde, responde, responde

Apesar de apostar na bagunça enquanto possibilidade, aos que chegam, começo para afirmar algumas coisas, com a atenção redobrada para definir sem limitar.

Escrevo para vocês porque não acredito em textos que caem no colo, assim do nada. Não acredito em textos que, por eventualidade, aparecem. Não acredito em textos que aparecem cheios de gracinhas, floreios e é pedido que o leitor decifre tudo, leia as entrelinhas para que ao fim da leitura tudo se entenda¹⁶.

Sim, eu sei. Concordo. Concordo que esses textos são possíveis e existem.

Mas não acredito neles.

Por isso, escrevo para vocês.

Escrevo não porque defendo que exista algo à priori ao texto.

Acredito que se há alguma coisa, há algo a partir de sua escrita e leitura.

Nesse começo, então, não almejo esgotar o que vem por aí.

No entanto, escrevo para não acharem que estou chegando com as mãos abanando, sabe?



Escrevo para mim também. Escrevo porque é ~~im~~preciso responder algumas perguntas que são frequentemente elaboradas, de uma maneira ou de outra, acerca de certos pontos ditos metodológicos¹⁷ da pesquisa.

¹⁶ Se tem algo que cada vez tenho mais certeza, se é que ter certeza é algo possível, é que a gente não deve estar entendendo nada...

¹⁷ Metodológicos ou, quem sabe 'pontos estruturantes' da pesquisa. Mas 'pontos estruturantes' também me traz uma imagem tão dura, estática, como as estruturas de um prédio que fazem ele

Sem mais delongas, já vou dizendo que ~~eu~~ não estou pretendendo responder todas essas perguntas.

Primeiro: essa coisa toda me cansa.

Segundo: já que a resposta é a desgraça da questão¹⁸, essas perguntas interessam mais pelos incômodos que provocam na própria escrita do que pela sua “obrigatoriedade” de resposta. Simplesmente a escrita é a arte de levantar questões e não de lhes responder (...).¹⁹

Terceiro: já dizia Corazza...

Responde responde responde e
todos eles, sem exceção, te dirão:
se há uma coisa que ninguém pode suportar
é alguém que responde a tudo²⁰.



Muito influenciada por um outro texto de uma amiga aqui da pós-graduação, fiquei presa no caos.

Em uma imagem de uma pesquisa caos, de uma caos pesquisa, de uma escrita caótica, de uma pesquisa caótica.

ficar de pé. Estruturante como algo capaz de estruturar, de organizar, de dispor numa determinada ordem. Não acho que esses pontos fazem a minha pesquisa ficar de pé, se ela ficar caída, por mim, está tudo certo! Inclusive não acho que esses pontos dispõem a pesquisa em uma determinada ordem, aposto aqui em uma espécie de desordem.

¹⁸ BLANCHOT, 2001, p. 43 – Ao que me parece, um dos desafios e armadilhas, uma das dores e um dos prazeres de uma pesquisa é menos encontrar uma pergunta, e mais a construção de uma questão que se intermeia, se espreme, se mistura e se mantém questão por entre uma escrita que questiona e é questionada.

¹⁹ BARTHES, 1981, p. 15.

²⁰ CORAZZA, 2006, p. 13.

O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinações que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam: não é um movimento de uma à outra mas, ao contrário, a impossibilidade de uma relação entre duas determinações, já que uma não aparece sem que a outra tenha já desaparecido, e que uma aparece como evanescente quando a outra desaparece como esboço.²¹

O que será pesquisar/escrever que não sustentar um caos?

Não um caos que tem a ver com uma ausência de determinações.

Não um caos que tem a ver com uma velocidade infinita.

Mas um caos que tem mais a ver com a impossibilidade de uma relação entre duas determinações.

Mas um caos que tem mais a ver com alguma(s) coisa(s) que aparece sem que a outra já tenha desaparecido, e que uma aparece evanescente quando a outra desaparece como esboço.

Quais os efeitos de assumir, que talvez, pesquisar tenha sim um “que” de caótico?

Porém que seja menos um caos de confusão geral de ideias e pensamentos, e mais um caos que derrete as constâncias e consistências que nos abraçam, e quem sabe, tentam nos esmagar.

?

²¹ DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.59.

O problema da filosofia é²²... Opa, calma aí, primeiro, queria conversar com vocês sobre um outro problema.

Que bom que pelo menos não estou pensando ‘o problema da filosofia’, e estou aqui no nosso quadradinho pensando em outro problema.

Medo de ir à cozinha e encontrar alguém perguntando do meu problema de pesquisa!

Entretanto, eles vão procurar e vão perguntar, não tem jeito...

Deixa... deixa que procurem... pode ser até que encontrem...

Mas, assim, não que eu também não esteja procurando. Só talvez esteja atrás de outra coisa, que eu gostaria de chamar de outra coisa que não ‘problema’.

Sabe aquela frase de biscoito da sorte que diz assim que “Problema só se chama problema porque tem solução, se não tem solução, então, não é problema”?

O que a gente faz com uma pesquisa/escrita que não busca solucionar nada?

Porque, simplesmente a escrita é a arte de levantar questões e não de lhes responder, ou de as resolver.²³



O problema da filosofia é (...) adquirir uma consistência, sem perder o infinito no qual o pensamento mergulha.²⁴

Como adquirir alguma consistência que seja em uma pesquisa sem perder o infinito do pensamento?

²² DELEUZE; GUATTARI, 1992.

²³ BARTHES, 1981, p. 15.

²⁴ DELEUZE, 2007, p. 59.



CONSISTÊNCIA

Classe gramatical: substantivo feminino

Separação silábica: con-sis-tên-ci-a

Plural: consistências

Do latim *consistentia*

1. Característica de um corpo do ponto de vista da homogeneidade, coerência, firmeza, compacidade, resistência, densidade etc. dos seus elementos constituintes.²⁵
2. Regularidade; em que há perseverança^{26, 27}.
3. Impressão que causa sobre os sentidos a matéria de que é feito um corpo’
- por exemplo: áspero.²⁸



²⁵ CONSISTÊNCIA. In: OXFORD LANGUAGES. Oxford University Press, 2022. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=consist%C3%A4ncia&rlz=1C1CSMH_pt-brBR967BR967&oq=consist%C3%A4ncia&aqs=chrome.0.69i59l4j0i131i433i512j69i60l2j69i61.6451j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8>.

²⁶ Quem persevera insiste? Gertrude Stein diz/ que não existe repetição/ mas insistência. (GARCIA, 2014, p. 16).

²⁷ CONSISTÊNCIA. In: DICIO, Dicionário online de Português. Porto, 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/consistencia/>>.

²⁸ CONSISTÊNCIA. In: OXFORD LANGUAGES. Oxford University Press, 2022. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=consist%C3%A4ncia&rlz=1C1CSMH_pt-brBR967BR967&oq=consist%C3%A4ncia&aqs=chrome.0.69i59l4j0i131i433i512j69i60l2j69i61.6451j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8> .

Imagina que você está passando a ponta dos dedos da sua mão direita sob uma lixa. Uma dessas lixas de lixar madeira. Com os dedos você a percorre de ponto a ponto. E aí, algo te acontece. A consistência da lixa seria a impressão causada sobre seus sentidos pela matéria que a constitui.

Ou é como se tivesse palavras ao invés de dedos, ou dedos na ponta das palavras²⁹.



Por enquanto, funcionando a partir de um certo modo de escrita esse texto se apresenta. Estou dizendo todas essas coisas para que vocês não estranhem se sentir o texto desmembrado, capenga, torto, caído, bagunçado.

Apostando na bagunça, na não linearidade do pensamento e em uma escrita que se permite começar várias vezes, pois se mantém em uma tensão experimental de pré-começo. Começando a partir de diferentes pontos, autores, questões, intimações... enquanto ela mesma encrenca com certos modos de fazer na universidade e continua por tentar inventar sentidos a uma palavra que acaba sempre por escapar.

Influenciada por Roland Barthes, entre outros e outras, exercito uma espécie de escrita fragmentária.

Os fragmentos como o que se produz do/no caos do pensamento, na pesquisa e na escrita. E que talvez, impulsiona assim um escrever com começos.



²⁹ BARTHES, 2018, sp.

No entanto, a coragem às vezes se faz tímida e me pergunto:

Como fazer esses vários começos funcionarem em conjunto na minha dissertação sem perder o pé?³⁰

Se ao percorrermos, de ponto a ponto, este texto, alguma impressão for causada em seus sentidos outros, será que terei, então, me aproximado de alguma consistência?

Ou será que é tudo uma questão de bancar consigo o incômodo da incompletude³¹ porque a incoerência é preferível a ordem que deforma³²?

³⁰ Pode uma pesquisa perder o pé?

³¹ PRECIOSA, 2002, p. 11.

³² BARTHES, 1975, p. 101.



A INVENÇÃO EM VEZ DA REVELAÇÃO.

(...)

A CRIAÇÃO EM VEZ DA DESCOBERTA.

(...)

O FEITO EM VEZ DO ACHADO.³³

³³ CORAZZA, TADEU, 2003, p. 10.

Onde já se viu uma dissertação sem metodologia?

Em algum momento, por aqui, por aí, pelo meio, eu digo assim:

“A pesquisa acontece no texto”.

Gostaria que a gente se atentasse e nos demorássemos nessa frase.

E em uma pergunta que digo agora, nesse momento, por aqui, por aí, pelo meio:

“O que pode a experimentação com a escrita enquanto método na pesquisa em educação?”

?

Esse texto...

não é sobre esclarecer algo, nem sobre fixar um sentido, mas sobre delimitar sem limitar, mesmo que provisoriamente, o que método aqui é.

Mas para ser do contra...

Esse texto...

não é sobre esclarecer algo, nem sobre fixar um sentido, mas, também, sobre delimitar, mesmo que provisoriamente, o que método aqui não é.

?

Dissemos que método é rígido.
Dissemos que método é estático.
Dissemos que método é formal.
Dissemos que método é pré.
Dissemos que método vem antes.
Dissemos que método se aplica.
Dissemos que método se repete.
Dissemos que método é replicável.³⁴
Dissemos que método está fora.
Dissemos que método é padronizado.
Dissemos que método é fixo.
Dissemos que método são técnicas reconhecidas pela Academia.
Dissemos que método é um modo de se aproximar da realidade estudada.
Dissemos que método é caminho (reto! de preferência!³⁵) pelo qual se chega a determinado resultado.
Dissemos que método ou melhor que é através dele que conseguimos atingir um certo e previsto objetivo.
Dissemos que método é uma escolha premeditada.
Dissemos que método é um protocolo de operações que assegura um ponto de chegada.

Mas aqui também dizemos que método é
(ou, pelo menos, pode ser)
tudo aquilo que dissemos que não era.³⁶

³⁴ Eis o que eu fiz, isto não é para ser refeito pois já está feito, mas o fato de que eu o tenha feito prova que é fazível. (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 50). Método, aqui, não é receita de bolo!

³⁵ O traçado reto que um projeto propõe se oporia a uma vacilação vertiginosa que é a do trajeto e o trajeto precisa vacilar. (SÜSSEKIND, 2019).

³⁶ Bukowski falou sobre amor, eu falo sobre método. E Corseuil (2017) sobre a pesquisa (p. 171).



CONDUTA: figura deliberativa: o sujeito que escreve uma dissertação^{37x} se coloca, com angústia, problemas de conduta geralmente fúteis: diante de tal alternativa, que fazer? Como agir?

(...)

Ou ainda: obstinadamente escolho não escolher; escolho a deriva: continuo.³⁸



Barthes diz:

O texto é um campo metodológico.³⁹

Eu digo:

“A escrita (~~aqui~~) é método de pesquisa.”



Já estava quase saindo de casa quando me lembrei do que tinha esquecido...

o texto que é afinal de contas

o único resultado «verdadeiro»

de toda a investigação.⁴⁰

³⁷ Para Barthes não é o sujeito que escreve uma dissertação, e sim o sujeito apaixonado.

³⁸ BARTHES, 2018, p. 93.

³⁹ BARTHES, 2004, p. 67.

⁴⁰ BARTHES, 1975, p.42.

desde o momento em que uma investigação interessa o texto,
a investigação torna-se ela própria
texto.⁴¹

Peguei essas duas frases de Barthes, coloquei debaixo do braço e fui...



Esse texto não é para você se você veio procurando uma pesquisa que tem passos definidos a partida.

Nem para você que veio atrás de uma pesquisa que possui objetivos gerais e específicos muito bem definidos e delimitados escritos em tópicos.

Aqui você não vai encontrar uma menção direta a pesquisa-ação, nem a pesquisa-participação nem a cartografia, nem a etnografia, nem, nem, nem.

A grande transgressão corresponde tão-somente ao continuar-se a fazer o que se faz e assinalar como se faz, a fim de se continuar a fazer.⁴²

Nesse texto, nessa pesquisa, nessa dissertação o método enquanto escrita foi se desdobrando em si no próprio processo e ele é a pesquisa.

Meu campo empírico? A teoria.

Meu método? A escrita.

A pesquisa é tão e somente só⁴³ texto e trabalho de texto.

Para tanto, aqui, a escrita não é algo que acontece somente ao fim da pesquisa a fim de simplesmente representar certos resultados e objetivos atingidos.

Aqui a escrita é outra coisa...

⁴¹ BARTHES, 1975, p. 37.

⁴² RAMOS DO Ó, 2019, p. 484.

⁴³ Tão e somente só é ironia...



Embebida de algumas perspectivas (não, eu não venho sozinha!) o que aqui interessa é a tentativa de colocar em problemática manuais que vem receitando detalhadamente o que devemos fazer para sermos investigadores e produzirmos pesquisas.⁴⁴

Ou melhor dizendo, para sermos bons investigadores e produzirmos boas pesquisas.

Aqui eu proponho e faço (?) a pesquisa acontecer com outros modos de fazer. Mais especificamente aqui, com a escrita.

Já que escrever JÁ é pesquisar!



Não é por tal ou qual método que se opta e sim por uma prática de pesquisa que nos “toma”.⁴⁵ E que também “toma” a pesquisa!

Uma prática de pesquisa que se impõe enquanto movimento de uma procura – sendo essa procura a de uma andança, ou seja, um método e sendo esse método a conduta, o modo de comportar-se e de avançar de uma pessoa que se interroga.⁴⁶

A escrita enquanto método é ação de pesquisa. Como disse Barthes, a ação de pesquisa adapta-se a cada curva do processo permanece à espreita de uma hipotética nova orientação.⁴⁷

Percebe como isso confronta outros modos de pensar método?

⁴⁴ BATISTA, 2018, p. 158.

⁴⁵ CORAZZA, 2002, p. 16.

⁴⁶ BLANCHOT, 2001, p. 30.

⁴⁷ De acordo com COUSTILLE, 2017, p.253.

Confrontar talvez não seja uma boa palavra.

Não se trata de um enfrentamento de outros modos, mas sim de apoiar-se em uma pluralidade de possibilidades, pois nada é verdadeiramente antagonista, tudo é plural.⁴⁸

E essa prática, essa andança, essa ação aqui se faz experimentando.

Uma experimentação com a escrita, com o pensamento, com a palavra e com a forma.

Aqui, a própria forma é posta em questão.

Como disse Blanchot: não tomar sem ponderar a forma emprestada por tradição.⁴⁹

Um questionamento que mantém a forma em suspenso, em interrogação.

Sem tratar um ou outro com o privilégio fundador, gostaria de afirmar que:

A forma não está separada do conteúdo.

Nem o conteúdo separado da forma.

?

Uma experimentação com a palavra começo que não experimenta em busca de uma confirmação de uma hipótese pré-concebida.

Mas uma experimentação que, aqui, permita pensar, movimentar e inventar começos.

É essa aposta na experimentação que aqui faço que potencializa e possibilita uma escrita que pensa, movimenta e inventa começos.

Talvez, quem sabe, sem a experimentação isso não poderia se fazer.

?

⁴⁸ BARTHES, 2015, p. 40.

⁴⁹ BLANCHOT, 2001, p. 29.

A escrita não como uma prática objetiva, mas como um field of play in which we are always unprepared to make meaning, and whatever meaning we make will always come too late to rescue us.⁵⁰

Permitir que o começo sempre escape por entre os dedos, ou permitir que o começo continue sempre começando por entre e com diferentes sentidos em um plano em que se pensa a escrita acadêmica é como uma operação que se renova.

Uma operação que se renova permanentemente ou provisoriamente a partir do seu próprio interior, que não receia perder o ímpeto, tal como um mosaico não perde a sua majestade pelo facto de ser caprichosamente fragmentado⁵¹.

Experimentar uma escrita fragmentária em busca de uma descontinuidade do método é exprimir a necessidade que o pensamento tem de se enovelar continuamente no que, sobre, com, diante do que se pensa.

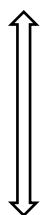
Experimentar uma escrita fragmentária que busca construir uma pesquisa que não está desde já pronta (pode ser até que ela nunca esteja...).

Experimentar uma escrita fragmentária que nunca se monta sozinha, que se monta com escritos de outros. Método desse trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os.⁵²

⁵⁰ PIERRE, 2015, p. 5306.

⁵¹ É assim que Jorge do Ó (2019, p. 465) define método para Walter Benjamin.

⁵² RAMOS DO Ó, 2019, p. 471.



0

~~apagamento~~

também

constitui

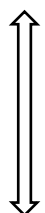
o

texto.

~~Most of my scholarship these days takes⁵³ the form of writing. As in any creative activity, I commence a project of writing with only the haziest notion of what it is to be about and of how I shall proceed. And I always feel hopelessly unprepared. All I have to go on are my earlier writings, texts I may have read that are still preying on my mind, conversations which might have sparked off a train of thought, and observations of things or happenings that may have caught my attention. I am thrashing around inside of all of this. The concordant processes by which thinking crystallises into thought, and by which disorderly words settle into syntactically regular patterns, are among the great mysteries of the writer's craft. Long after a piece of work is finished (if it is ever finished) I can look back on it in astonishment and wonder, 'was that me?', 'did I really write all that?' Writing is something I definitely do — it is not being done to me — and yet in the doing I surrender myself to it: I am inside the writing process, not directing it from outside or above. I don't so much decide what to write as write what falls or comes to me. Where exactly it comes from, I don't know. And the biggest problem, always, is how to convert a line of thought and words that is coming to a close, and that looks like it will go no further, into a new opening. Indeed, writing is not about progressing from beginning to end. Quite to the contrary: it is a constant struggle to turn endings into beginnings. It is precisely in this perpetual beginning that its freedom lies.⁵⁴~~

⁵³ Tirando proveito do que Hall (2000) chamou de “rasura”, recorro a esse artifício estético e estilístico de cortar, riscar certas partes desse texto, escrevendo-se assim um novo. O traço que corta enquanto recurso para um novo começo.

⁵⁴ INGOLD, 2018, sp.



θ

apagamento

~~também~~

~~constitui~~

θ

~~texto.~~

Você já pensou sobre o que você quer pensar com!

Você já leu outros textos que pensam com assuntos parecidos!

Já anotou coisas no caderno, no computador!

Já destacou frases!

Já anotou trechos!

Quem sabe você já até separou algumas citações!

Mas aí, quando você senta sua bunda na cadeira, coloca as mãos no teclado.

Nada.

N-a-d-a.

~~Nada?~~

Não me leve a mal (1). O texto da ponta da língua faz isso mesmo.

Ele te trava. Ele trava um começo. Ele teima em não começar, em não acontecer.

Não me leve a mal (2). O texto da ponta da língua pode estar em qualquer espaço/tempo.

Ele fica à espreita. Escondido. Esperando para dar o bote quando você menos esperar.

Não me leve a mal (3). O texto da ponta da língua pode te golpear por inúmeras razões.

Ele golpeia de inúmeras formas e pode ter certeza de que ele joga sujo.

E comigo, o meu texto-na-ponta-da-língua me golpeou porque eu não conseguia começar...



Vários por aí já escreveram textos sobre começos...

Outros dizem para parar de palhaçada! E só começar, ora bolas. Vai. Começa. Começa pelo começo. Coloca umas palavras. Depois outras. Depois mais outras. E quando você for ver, nem estará mais no início. Vai!

Qual a, as vezes grande, dificuldade de dar o primeiro passo?⁵⁶

Daí eu estava nessa, estava na presença de um texto da ponta da língua. Pensei, então, cá com meus botões: qual a melhor maneira de derrotar um texto da ponta da língua?

Será que começar falando sobre ele dá certo?

Será que deu?



Para tanto, mais como um exercício de escrevi, escrevi os começos, mesmo que estranhos e mesmo que fora de tom.

E, talvez, por uma impossibilidade de escolha ou por um deixar ver os desafios da escrita, esses começos, apesar de fracos, abatidos, deslocados eles ainda aqui permanecem, porém permanecem rasurados.



⁵⁶ Talvez bastasse perceber que esse não é o primeiro...

~~Experimento científico ou a imagem que tenho do que seria um experimento científico.~~

~~Alguém de jaleco branco com uma caneta pendurada no bolso esquerdo. Dentro de um laboratório igualmente branco, com uma bancada que cerca o cômodo. Duas cadeiras com outros dois jalecos pendurados. Alguém cercado de vidrarias, beakers, erlenmeyers, pipetas, tubos de ensaio, balões volumétricos... Alguns notebooks no canto direito. Algumas planilhas e gráficos colados no mural da parede novamente branca. Alguns microscópios sob as bancadas. Alguns equipamentos que você nem sabe o que fazem. Alguém com um tubo de ensaio na mão vertendo sobre outro. Um outro alguém com uma prancheta anotando os resultados do experimento. Experimento científico.~~

~~Uma imagem que provavelmente vem forte para alguns quando pensamos na palavra experiência.~~

~~Que tal um experimento de sala de aula numa turma do fundamental 2?~~

~~Uma daquelas que são feitas por professores de Ciências ou Biologia, Física e Química.~~

~~Como uma que eu adoro, uma experiência usada bastante quando se conversa sobre fotossíntese.~~

~~Uma experiência que precisa de pouco, e às vezes na escola precisamos mesmo que seja algo que precise de pouco. Você vai precisar de:~~

~~5- folhas de alguma planta qualquer aí da vida que passe por você~~

~~2- água fervida~~

~~3- bicarbonato de sódio (NaHCO_3)~~

~~4- três garrafas/três copos~~

~~5- papel alumínio~~

~~Agora delegue funções e possibilidades entre as 3 garrafas. Em uma delas coloque uma folha e água fervida. Na outra coloque uma folha, água fervida e bicarbonato de sódio. Na última coloque uma folha, água fervida, bicarbonato~~

~~de sódio e não se esqueça de cobri-la com o papel alumínio. Daí você discute o que dali surgir.~~

~~Versão mais sentido comum. Sabe? Daquelas que querem puxar ensinamentos de vida~~

~~através das experiências vividas (quase eu quando escrevi a introdução dessa dissertação!).~~

~~Experiências de vida. Daquelas que querem dizer “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.~~

~~De tudo se tira — pelo menos — a experiência. Já ouviu umas dessas?~~

~~Aqui já fiquei mórbida. Já pensou começar um texto pensando com a palavra experiência~~

~~a partir de experiências de quase morte? Acho que estou assistindo muitas séries policiais...~~

~~Sem mais delongas! Começemos, então, com Jorge Larrosa e suas considerações à palavra experiência. E o porquê dela ter se tornado quase que uma não-palavra.~~

~~A seguir a transcrição de um vídeo produzido pelo CINEAD (Cinema, aprender e desaprender.) no qual Larrosa aparece com seus longos cabelos brancos, usando óculos bem simples com armação cinza, uma blusa de botão de um lilás quase cinza aberta por cima de uma blusa azul piscina. Ele está sentado em uma cadeira que não vemos. Em sua frente temos uma mesa que encaixa certinho dentro da tela. Em cima da mesa um caderno, com as molduras vermelhas, aberto. Nele estão escritas que não conseguimos ler. Um copo de vidro com água se posiciona à esquerda de Larrosa. Do lado do copo em cima do caderno temos uma caneta branca com tampa preta. Atrás de Jorge há uma prateleira com livros coloridos que se distribuem de diferentes maneiras, em pé, deitados, de lado. E entre Jorge e a prateleira, no canto esquerdo de Larrosa, um móbil com pássaros, sapos, mosquitos coloridos à mão e que contém no verso palavras como verdade, céu e pedra escritos em letra de forma.~~

~~ADICIONAR AQUI A TRANSCRIÇÃO~~

~~O que causa estranhamento é que logo Larrosa, o “cara” da experiência, o “cara” que escreveu~~

~~textos e mais textos sobre a bendita da experiência. Logo ele! Logo em um a b e e e dá r i o não me escolhe a palavra experiência quando chega a letra E.~~

~~Que isso...~~

~~Brincadeira!~~

?

Talvez seja por aqui que eu decidi roubar de Hall o conceito de rasura. Hall fala que o sinal de “rasura” (X) indica que eles [os conceitos-chave] não servem mais – não são mais “bons para pensar” - em sua forma original, não reconstruída. Mas uma vez que eles não foram dialeticamente superados e que não existem outros conceitos, inteiramente diferentes, que possam substituí-los, não existe nada a fazer senão continuar a se pensar com eles(...).⁵⁷

Putz, maravilhosos!

Talvez seja a partir de Hall que encontrei uma justificativa para ainda insistir na palavra experiência. Ainda acho que experiência é uma palavra “boa para pensar” porque talvez seja através da repetição que alguma coisa outra aconteça, passe, toque. Se perguntem: “será que é possível saturar um conceito, uma palavra?”. Talvez só quando esse conceito ou palavra parar de te tirar do lugar...

O que há de interessante em pensar uma escrita acadêmica que coloca sob rasura a experiência?

⁵⁷ HALL, 2000, p.104.

?

Como disse Larrosa, o nosso trabalho na universidade tem a ver com ler, escrever, conversar (e talvez pensar). Me parece que podemos então nos perguntar why doesn't this feel good to us? There are lots of people who are angry and who don't feel good, but it seems hard for people to ask, collectively, "why doesn't this feel good?" I love poetry, but why doesn't reading, thinking, and writing about poetry in this context feel good? To my mind, that's the question that we started trying to ask.⁵⁸

?

Trair a obrigação é preciso.

Na relação com a escrita trair o ímpeto de confiná-la à obrigação. Para que a essa relação com ela seja menos sobre algo que pesa, que trava, que angustia e mais sobre algo que abre, que transforma, que se deixa experimentar.

Esse experimentar que pode ser um experimentar de si mesmo através da escrita.

Dentro da reflexão foucaultiana, é possível pensar uma escrita, uma pesquisa que tenha potencial de experiência justamente por possuir um ânimo essencialmente experimental.

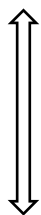
Que passe por um deixar de ser quem se é.

Que passe por um deixar de pensar a mesma coisa que antes.

A escrita ganha assim um novo rosto.

Um rosto próprio que aparece junto ao outro.

⁵⁸ HARNEY; MOTEN, 2013, p.117.



Como escrever sobre o que não faz sentido?

Ou, como escrever sobre o furacão quando estamos no meio do furacão?

Que possibilidades inventar?⁵⁹

⁵⁹ SAAVEDRA, 2021, p. 133.

O que aparece e desaparece

Ou

Sobre a não linearidade do texto

Roubarei de Foucault (eu sei... mais uma vez!) o duplo: anulação e aparecimento presente em uma entrevista à H  l  ne Cixous, que está presente no livro *Ditos e escritos volume VII* (2011) sob o título ‘Sobre Margueite Duras’.

Sem pretensão alguma de ser Duras ou escrever como Duras, seja um livro ou um filme, o roubo desse duplo tem como justificativa, ou melhor, razão a (des)“estrutura” que o próprio texto exercita.

Para tanto, aqui jaz duas tentativas:

- 1- Abalar a ideia de que a escrita se constrói em um pensamento racional linear, de que a escrita e a linearidade andam por aí inseparáveis.
- 2- Abalar a ideia de que a leitura se constrói em um pensamento racional linear, de que a leitura e a linearidade andam por aí inseparáveis.

Na des(estrutura  o) de um texto que se desdobra em e sobre processo do escrever uma disserta  o enquanto uma estudante de mestrado, do escrever uma pesquisa na área da educa  o, e na (des)estrutura  o de um texto que questiona em, sobre e com começos como uma pesquisa sempre por fazer, e que se esforça em escapar de um sentido fechado de começo enquanto início ou origem, me parece que se desvencilhar – o quanto possível – de uma linearidade tem seus efeitos.

Não    que não haja um plano no qual tudo habita, porém esse plano    repleto de anula  es e aparecimentos mobilizados pelos fragmentos de texto. E, assim, portanto a ordem na qual tudo aparece não passa de uma obrigatoriedade

enquanto estrutura de formato, e não enquanto uma ordem à priori e que tenha se estabelecido fora e anterior a própria prática da leitura.

O que no texto se faz presença, sejam conceitos ou ideias, acabam por esconder-se por trás de seus próprios gestos⁶⁰, aqui gestos de escrita, e se dissolvem, restando nada mais que uma espécie de clarão que remete a um outro clarão – daí a anulação.

“os objetos de escrita
aparecem,
brilham,
desaparecem;
o que resta, no fundo, é um
campo de forças”⁶¹

Assim como há, sejam conceitos ou ideias, que aparecem sem que se façam necessariamente presentes – mas é o aparecimento de um gesto, o aparecimento de um olho, é um personagem que emerge da bruma.⁶²



Quem sabe, talvez, para quem lê tudo isso possa soar esquisito ou em tom de non-sense, de papo maluquinho, de conversa descosida.⁶³

A gente tem uma pré-ideia ou um pré-conceito de que o texto é algo que tem que ser lido continuamente, de que ele deve ser lido palavra a palavra, frase a frase. Imagina que loucura pular uma página de um romance?

Mas aqui, da mesma forma, que proponho uma exploração da possibilidade de ensaiar uma física da escrita na pesquisa em educação que opere a partir

⁶⁰ FOUCAULT, 2011, p. 358.

⁶¹ BARTHES, 2003/2005, p.38 *apud* COSTA; COSTA, 2019, p. 176.

⁶² FOUCAULT, 2011, p. 359.

⁶³ TADEU, 2007, p. 319.

da experimentação⁶⁴, proponho também uma leitura que opere a partir da experimentação de quem lê.

Que aqui se instaure um exercício de uma espécie de uma outra leitura, uma leitura em intensidade: algo passa ou não passa. Não há nada a explicar, nada a compreender, nada a interpretar. É do tipo ligação elétrica.⁶⁵

A distância entre a escrita e a leitura, não pela intensificação da projeção do leitor sobre a obra; mas ligando-os ambos numa só e mesma prática significativa.⁶⁶

É incentivado que cada leitor estabeleça seus começos, seu ritmo, suas pausas, sua leitura, seus fins como uma mosca voando no volume de um quarto: por ângulos bruscos, falsamente definitivos, atarefados e inúteis.⁶⁷

De texto em texto tudo se precipita, há um abismo⁶⁸. Por entre os textos fragmentários, esses abismos são preenchidos por frases. Frases que em um primeiro momento podem parecer soltas, ao léu, sem conexão nem coerência que funcionam somente enquanto gesto de ruptura. Essas frases isoladas por meio qual se articulam umas com as outras, numa sequência de pensamentos muitas vezes vacilantes e vagas⁶⁹ instauram momentos de respiro dizendo muito... ~~Acredite, se quiser!~~

⁶⁴ GONÇALVES, 2020, p. 110.

⁶⁵ DELEUZE, 1992, p. 16-17.

⁶⁶ BARTHES, 2004, p. 73.

⁶⁷ BARTHES, 2015, p. 40.

⁶⁸ FOUCAULT, 2011, p. 360.

⁶⁹ RAMOS DO Ó; VARELLA, 2020, p. 334.



O leitor do texto poderia ser comparado a um sujeito desocupado (que tivesse distendido em si todos imaginário); esse sujeito bastante vazio passeia (foi o que aconteceu ao autor destas linhas, e foi aí que ele capturou uma ideia viva do texto) no flanco de uma vale em cujo fundo ocorre um *oued*; o que ele capta é múltiplo, irreduzível proveniente de substâncias e de planos heterogêneos; todos esses incidentes são parcialmente identificáveis, provem de códigos conhecidos mas a sua combinação é única, fundamenta o passeio em diferença que nunca poderá repetir-se senão como diferença. É o que se passa com o texto: não pode ser ele mesmo senão na sua diferença (o que não quer dizer na sua individualidade); a sua leitura é semelfactiva (o que torna ilusória qualquer ciência indutiva-dedutiva dos textos: não há gramática do texto) e, no entanto, inteiramente tecida de citações, de referências, de ecos.⁷⁰

⁷⁰ BARTHES, 2004, p. 70.

O dilema do pano de fundo...

ou

Como fazer uma história de fundo que convença?

ou

Sem história só há dispersão!

ou

Será que consegui fazer com o que vem aí

(ou, melhor, o que está aqui)

deixasse de ser somente devaneio?

Abrindo portas para ela!

Mais uma!

Porque aqui é que nem coração de mãe:

sempre cabe mais um!

Pode entrar: Noia do pano de fundo.

***um silêncio toma**

conta da página*

Lá vem ela, toda-toda, desfilando por
entre as letras, palavras, citações, espaços,

itálicos, fontes... olhando tudo de cima a baixo, com um olhar de quem julga (sem saber muito bem o porquê).

Ela se vira, levanta a cabeça e te olha no olho.

Te olha fundo!

Um olhar capaz de ver através, sabe?

Mas ei, não desvia o olhar!

Fica firme!

Você já enviou para banca...

**Só te resta confiar
na potência
da experimentação!!!**

Ainda te olhando, diz ela:

- Que fofo.

Tudo muito legal, você até que se acha engraçadinha, né?

Mas... vem cá...

Deixa-me te perguntar uma coisa...

Você sabe que sem história

só

há dispersão?

?

Em um texto que experimenta e faz de si próprio um plano de experimentações, onde fica a prudência diante disso tudo?

Em uma dissertação que se repete na instauração de começos, onde fica a prudência diante disso tudo?

Em uma pesquisa que se escreve e é escrita por entre e com fragmentos de texto, onde fica a prudência diante disso tudo?

?

Fiquei, então, com o dilema do pano de fundo. Ou, com uma certa preocupação que tensiona a construção de uma consistência que por vezes pode escapar em uma escrita fragmentária, ou em qualquer outra.

Será que aí está, então, o lugar da prudência diante disso tudo?

Não. Acho que não.

Não acho que a prudência tem lugar.

Porque a prudência se faz, e não é algo que se tem.

?

Este poderia ser um texto de exaustão. Poderia ser um texto de esgotamento.

Um texto que buscaria definir o que seria enfim essa tal prudência enquanto conceito.

Poderia aqui trazer inúmeras citações de Deleuze e Guattari, poderia...

Mas que contraditório esse texto seria...

Se a prudência se constrói na própria experimentação⁷¹, de nada serviria um texto que decide defini-la de antemão.

Talvez esse texto não seja um texto referência.

E sim, um texto de relação.

⁷¹ Prudência como dose, como regra imanente à experimentação. DELEUZE, GUATTARI, 1996, p. 11.



Prudência?!

Não me venha falar em prudência...!

As paixões que me descontrolaram são as que fizeram eu ser como sou. ⁷²

Que aconteceu? Você agiu com a prudência necessária? Não digo sabedoria, mas prudência como dose, como regra imanente à experimentação: injeções de prudência. ⁷³

Com que prudência necessária, a arte das doses, e o perigo, a overdose. Não se faz a coisa com pancadas de martelo, mas com uma lima muito fina. ⁷⁴

⁷² Maria Bethânia – Prudência (2020).

⁷³ DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 11.

⁷⁴ DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 21.

O começo no texto

Vais começar o novo romance de Ítalo
Calvino.

~~Mentira.~~

~~Não vais nada.~~

Vais só começar um texto que começa
junto com um começar de Calvino.

Em uma das edições do livro 'Seis
propostas para o próximo milênio' (2007)
- que pela ironia dos números e da vida só
tem cinco - está presente o texto 'Começar
e acabar'.

Vamos nos ater aos começos primeiro?

Em uma elaboração dita provisória, mas
completa, nas palavras do editor, Calvino
escreve com começos outros sobre o
começo do ciclo de conferências que
culminou no livro em questão.

Para Calvino o começo é o momento da
opção. O momento que se vive no poder
dizer qualquer coisa de qualquer maneira e

é preciso escolher um modo de dizer algo em particular. E eu adiciono que pode ser também o momento em que algo em particular quer ser dito, porém de algum modo que ainda não se sabe.

Para Calvino, o começo é o fim das multiplicidades. Mas será que também não poderia ser o começo delas?

?

De uma maneira ou de outra, ou de todas as maneiras, esse texto aqui se propõe a pensar o começar da escrita, ou melhor, a princípio, os começos da escrita⁷⁵.

O que significa começar? O que significa começar uma escrita de dissertação ou de tese? Como e de que maneiras esses textos começam? O que quer dizer apontar aquele ponto como começo do texto? O que indica que é ali que alguma coisa começa?

?

⁷⁵ O que se persegue é um verbo ou um substantivo?

Nem almejar ser Calvino, gostaria de adentrar ao mundo verbal de dissertações e teses da área da educação e pensar com mundos escritos que em seus começos aparecem e tentar uma aproximação a pergunta: Desde o dar a ver a escrita acadêmica na pós-graduação em Educação, de que modos se movimentam começos?⁷⁶

Algumas publicações finais de mestrados e doutorados em programas de pós-graduação em Educação levantadas através de pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com aplicação de um filtro temporal (2021-2018) junto com o uso de palavras-chave como “educação”, “escrita”, “experiência”, “experimentação” terão seus começos lidos.

A partir da leitura de começos outros, outras composições textuais serão escritas.

⁷⁶ O ínfimo da pesquisa ou quando li um texto de Foucault e minha questão de pesquisa mudou. Problematiza-se aqui o ‘ver’, como disse Almira em uma entrevista com Foucault e Marchand (2010), se tivesse querido realmente dar a ver, eu teria pintado ou pego uma câmera. Aqui decidi manter a pergunta inicial mas não estranhem se ao longo da leitura da dissertação ela tiver sido deslocada em direção menos de um mostrar e mais de um inventar, formular, fabricar, compor, decompor.

Composições mobilizadas pelo que aparece. Composições que se interessam menos por um movimento de análise de conteúdo, que buscaria responder “como teses e dissertações em educação começam?” e mais um movimento de acompanhar os efeitos que esses escritos operam em relação a escrita acadêmica na pós-graduação em Educação.

Um movimento de composição com citações retiradas desses começos escritos que tem por via de realização a apropriação⁷⁷ e não um uso da citação enquanto auxílio a compreensão, ilustração de uma hipótese ou intensificação de uma ideia.⁷⁸

Aí foi que o barraco desabou...

Nessa que meu barco se perdeu!⁷⁹

⁷⁷ Esse é um deslocamento que me interessa. Algo como um “Escrever sem escrever – literatura e apropriação no século XXI” (2019) de Leonardo Villa-Forte. Leonardo neste livro pensa uma estranha figura: um escritor que não escreve (p. 27), que não anseia em colocar-se na origem de algo, mas sim no meio, no entre, escrevendo por meio de (p. 32).

⁷⁸ Esse fragmento de texto é, quase na íntegra, um primeiro movimento junto com os começos que estava presente na versão do texto discutido com a banca no exame de projeto. Se aqui busco desdobrar a escrita em processo, não me pareceu interessante apagar ou retirar esse movimento.

⁷⁹ Jorge Aragão - Eu e você sempre (2000).



Sustentar o não
entender exige uma
imensa coragem.⁸⁰

⁸⁰ SAAVEDRA, 2021, p. 113.

Inspiração

Ando por aí ouvindo por aqui que para começar é preciso estar inspirado!

Respira comigo?

Sim, eu sei... Não é como se você tivesse tanta escolha assim.

Mas... vamos?

Eu estou aqui respirando com você do outro lado.

Respira.

Se conecta com o aqui e o agora.

Respira e sente.

Inspira profundo.

Traz o ar para dentro.

Sente o ar entrando pelas suas narinas.

Sente ele passando pela sua garganta.

Sente o músculo diafragma abaixando.

Sente as suas costelas expandindo.

Sente que para o ar entrar ele precisa de espaço.

Agora expira.

Joga todo esse ar para fora.

Esvazia.

Sente a calma chegando.

Sente o ar saindo.

Sente o peito esvaziando.

Sente o músculo diafragma subindo.

Sente suas costelas abaixando.

Sente que para o ar sair é preciso expulsá-lo.

?

Vou começar com esse texto, porque eu sinto que os meus textos são menos meus e mais dos outros. Acho que tem a ver com deslocamento. Com não ser mais a mesma. Com trazer para dentro algo que não é seu. Mas que pode passar a ser. Às vezes parece que nem sou eu quem está escrevendo, apesar da minha paixão pelos verbos em primeira pessoa. Mas será que realmente existe um “eu” à priori? Ou me faço na relação?

?

Todo ato de inspiração exige um ato de expiração.

Inspiração é trazer para dentro o que está fora.

Expiração é levar para fora o que está dentro.

Inspirar é roubar? É roubar esse ar que te cerca?

Ar que não é seu, mas que passa a ser?

Ar que entra de um jeito, rico em gás oxigênio.

Expiração é devolver? É devolver esse ar que te cercou?

Ar que não era seu, mas que passou a ser?

Ar que sai de outro jeito, rico em gás carbônico.

?

Aí, você se pergunta: o ar que entra é o mesmo ar que sai?

Continua sendo ar?

Continua sendo o mesmo ar?

?

Quando comecei a pensar nesse texto, a professora de Ciências e Biologia que habita em mim não conseguiu se segurar. Foi difícil pensar em inspiração e não pensar nos processos biológicos, mecânicos e respiratórios. Comecei esse texto pensando na palavra inspiração e outro sentido. E aí quando dei por mim mesma já estava pensando em músculo diafragma, diferença de volume, diferença de pressão...

Para que ocorra a inspiração, sim, essa mesma, essa que traz o ar para dentro do seu o seu corpo, que faz ele entrar pelas suas vias respiratórias, passar pela

sua laringe, sua traqueia, até que através dos seus brônquios e bronquíolos ele caminhe por dentro dos seus pulmões até chegar nos seus milhões de alvéolos pulmonares, é preciso abrir espaço, abrir caminho, é preciso muscularmente e mecanicamente estar disposto. O ar entra por livre e espontânea pressão.

E o que isso tudo tem a ver com a escrita?

?

INSPIRAÇÃO

Substantivo feminino

FIG - Força criadora de origem transcendente e sobrenatural que trazia conselhos e ideias aos humanos; iluminação;

FIG - Iluminação súbita e geralmente genial, que tem efeito animador e estimulador da criatividade do artista.⁸¹

?

Já disse Rubem Alves é impossível engaiolar o sentido⁸²!

?

⁸¹ INSPIRAÇÃO. *In*: Dicionário Michaelis. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/inspiracao/>>.

⁸² ALVES, 2008, sp.

De primeira, assim, de cara, esse texto inicialmente era mais um movimento em busca de justificativas do que sobre qualquer outra coisa. Eu queria justificar os meus roubos. Roubo uma ideia de um, uma palavra de outro, um conceito daqui um modo de olhar dali. Para ambientar o leitor, dizer já, de começo, assim, de cara, que eu não tenho nem a pretensão de escrever sozinha.

Se é que isso é sequer possível.

?

Picasso diz que art is theft e que good artists borrow, great artists steal. Sejamos, então, dentro da Academia great artists, porque afinal o que mais fazemos por aqui é steal, steal, steal.

?

O que há de interessante em pensar um sentido de inspiração longe da ideia de epifania?

Longe de uma iluminação súbita que te coloca para escrever? Longe de uma iluminação quase divina que te guia em direção a algo genial? Longe de uma imagem de uma maçã que cai na sua cabeça e te faz descobrir algo que ninguém mais sabe?

O que há de interessante em pensar um sentido de inspiração perto de um trazer para dentro?

Perto de uma apropriação desapropriada de um conceito, uma palavra, uma ideia de outro? Perto de uma imagem de uma costureira^{xi} que constrói um vestido⁸³?

O tempo todo ao escrevemos roubamos algo que não é nosso, algo que está no mundo.

Trazemos para dentro. Fazemos algo com isso. E depois, devolvemos, expiramos algo que já não é mais o que um dia já foi.

⁸³ Imagem roubada do livro “O trabalho da citação” de Compagnon (1996, p. 12).



Estamos aqui. Interrogamos símbolos persistentes. É a hora do infinito desacerto-acerto.

O vulto da nossa singularidade viaja por palavras matéria insensível de um poder esquivo.

Confissões discordantes pavimentam a nossa hesitação. Há uma embriaguez de luto em nossos atos-chaves.

Aspiramos à alta liberdade um bem sempre suspenso que nos crucifica.

Cheios de ávidas esperanças sobrevoamos e depois mergulhamos nessa outra esfera imaginária.

Com arriscada atenção aspiramos à ditosa notícia de uma perfeição especialista em fracassos.

Estrangeiros sempre agudamente colhemos os frutos discordantes.⁸⁴

⁸⁴ Ana Hatherly no poema Matéria de Escrita.

De caixa não tem nada

Prologuei várias vezes, comecei várias vezes⁸⁵, porque duas questões me saltam o olhar: *Mas quais seriam as minhas ferramentas? Como eu, uma mestranda em educação (...), poderia apresentar tais ferramentas?*

Encontro nesse começo e nessas questões dois pontos que gostaria que nos detenhamos um pouco:

O primeiro deles é sobre uma metáfora famosa de Deleuze e Foucault.

O segundo é sobre esse ‘apresentar’ das ferramentas.



Deleuze diz assim: Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma.⁸⁶

Em outro momento, em uma entrevista, Foucault também comenta algo similar e diz assim: Todos os meus livros, seja a História da Loucura, seja este (Vigiar e Punir) são, se você quiser, caixinhas de ferramentas. Se as pessoas querem abri-los, se servir dessa frase, daquela ideia, de uma análise como de uma chave de fenda ou uma torquês, para provocar um curto-circuito, desacreditar os

⁸⁵ Esse texto apresenta-se como um primeiro movimento, enquanto exercício e experimentação, de uma relação com os começos outros. Para esse momento, trago uma dissertação de mestrado intitulada “Olhei uma infância a desabar sobre uma criança: fotografei o sobre” (2019) de Helena Almeida e Silva Sampaio. O itálico é Helena quem diz.

⁸⁶ FOUCAULT, 1998, p. 70.

sistemas de poder, eventualmente até os mesmos que inspiraram meus livros... pois tanto melhor.⁸⁷



Muito já se escreveu sobre esse aspecto relacional que envolve o escrever da escrita acadêmica. De diferentes formas, maneiras, jeitos, saídas - com a teoria, com os autores teóricos da Educação ou não, com os conceitos que vão sendo mobilizados, movimentados, confrontados, ignorados por nós - vão sendo tecidas relações através e pelos textos que escrevemos.

Penso em Fischer (2005) que diz assim: Com que vibração estabelecemos relações entre autores, obras, conceitos e o nosso "objeto de desejo", nosso problema de pesquisa? Como, parafraseando Chico Buarque, catamos a poesia que [o mundo] entorna no chão; ou seja, como nos deixamos tocar pelo que lemos, pelas aulas a que assistimos, pelos problemas de educação dos quais desejamos falar em nossos trabalhos, pela beleza dos conceitos que herdamos (...)?⁸⁸

O escrever da escrita acadêmica implica uma certa relação com o já. Com o que já existe, com o já dito, com o já escrito. Porém, se cultivadas essas perguntas que Fischer, se faz e nos faz, essa relação pode passar a ser ~~também~~ de outra ordem.

⁸⁷ ERIBON, 1990, p. 2020.

⁸⁸ FISCHER, 2005, p. 02.

INTEMPESTIVA 1 ⁸⁹

Como, parafraseando Chico Buarque, cato a poesia que [o mundo] entorna no chão; ou seja, como me deixo tocar pelo que leio nos começos?

Uma certa preocupação me abraçava na feitura deste texto.

Não esse em específico.

Pois escrever é sempre começar sem saber onde vai dar.

No entanto, carrego comigo uma preocupação acerca do “como?”, esse “como fazer?” que reina em nossas cabeças no mundo da educação.

Me pergunto:

“Como me relacionar com os começos outros?”,

“Como começar começando a partir de outros começos?”,

“Como escrever sem representar?”,

“Como fugir de uma análise de conteúdo do que há nos começos e ser mais sobre uma composição com começos outros?”,

“Como esses começos me ajudam a pensar o que se movimenta na/da/com a escrita acadêmica nessas produções?”.

Dito isso, se o texto parecer incômodo, é porque talvez, ele ainda esteja.

FIM DA INTEMPESTIVA 1

⁸⁹ Considerações que aparecem ao longo desse texto produzindo fraturas no fluxo da escrita – e do pensamento. - e da pesquisa. Movimento incorporado e apropriado a partir da dissertação de Helena (2019).

Nada contra a metáfora da caixa de ferramentas. Talvez... um certo incômodo com a palavra caixa. Em uma caixa nós guardamos coisas. Aqui, nesse caso, essa caixa guardaria autores, obras, conceitos etc. A partir de uma certa ótica, uma caixa de ferramentas pode ser vista enquanto algo a priori a “análise” do nosso “objeto de pesquisa”. Uma espécie de preparação para algo que ainda está por começar, que ainda está por vir.

Me parece que, nesse sentido, certas preocupações se instauram: *Mas quais seriam as minhas ferramentas?* Pois, afinal, quais seriam as “melhores” (!) ferramentas para a minha pesquisa?

Na escrita, essas preocupações podem resultar em uma excessiva sistematização do que dizem os autores e conceitos e obras e ditos e escritos. Será que outras relações são possíveis, viáveis, escrevíveis?



Harney e Moten comentam a seguinte pergunta⁹⁰: I'd like to start our conversation in a somewhat playful, metaphoric manner, with an idea from Selma James that I recently came across. Selma was describing the advice that CLR James gave her for writing: that she should keep a shoebox, collecting in it various ideas and thoughts. When the shoebox was getting filled she would have all that was needed for writing. If you were to introduce someone to your collaborative work through the form of a conceptual shoebox, what would be in it? What would be in there?⁹¹

⁹⁰ Enquanto escrevo esse texto, lembro da entrevista final do livro “The Undercommons: Fugitive Planning & Black Study” (2013) de Stefano Harney e Fred Moten.

⁹¹ HARNEY; MOTEN, 2013, p. 103.

Me parece que a shoebox é apenas um desdobramento da metáfora da caixa de ferramentas.

Chamo atenção para que pensemos dois verbos usados nessa fala de Stevphen, o entrevistador, são eles ‘to collect’, ‘to fill’ e a frase when the shoebox was getting filled she would have all that was needed for writing.

O que me interessa mobilizar, nesse momento, dos comentários dessa pergunta feitos pelos autores tem mais a ver com uma mudança na ênfase, do que meramente uma mudança de nomeação.

Com um movimento muito característico, de desestabilização de sentidos já dados Moten diz: What I’m trying to say is that the content of the box is less important for me than the ongoing process of talking with somebody else, and the ideas that emerge.⁹²

Harney completa: What’s also interesting to me is that the conversations themselves can be discarded, forgotten, but there’s something that goes on beyond the conversations which turns out to be the actual project. It’s the same thing I think in the building of any kind of partnership or collectivity: it’s not the thing that you do; it’s the thing that happens while you’re doing it that becomes important, and the work itself is some combination of the two modes of being. (...) The concepts are ways to develop a mode of living together, a mode of being together that cannot be shared as a model but as an instance.⁹³

A torção que Harvey e Moten fazem na pergunta me interessa. Uma torção que desloca uma ideia de acumulação, para uma ideia de coletividade, de conversa, para um certo modo de estar junto que também não deixa de ser processual.

⁹² HARNEY, MOTEN, 2013, p. 102.

⁹³ HARNEY; MOTEN, 2013, p. 105.



Em uma tentativa de não me colocar de fora, de fora de movimentos que já acontecem na escrita acadêmica, movimentos que *acontecem acolhendo formatos e maneiras alternativas para provocar outros entendimentos e afecções que aqueles da escrita acadêmica habitual.*

INTEMPESTIVA 2

Que formatos seriam esses?

Que maneiras seriam essas?

Como provocar outros entendimentos e afecções?

Se o escrever como um desdobrar dos modos e ferramentas ao longo do processo,

Se buscamos nesse desdobrar, desdobrar os modos convencionais,

Será que isso não requer uma certa dose de coragem e uma certa dose de prudência?

Será que esse desdobrar dos modos convencionais não implica uma aposta na experimentação?

FIM DA INTEMPESTIVA 2



Gosto de imaginar que
tudo
é passível de leitura.⁹⁴

⁹⁴ SAAVEDRA, 2021, p. 119.

*Lepisma saccharina*⁹⁵

Agarrando-me ao movimento, passeio pela biblioteca da vida, que passa e me perpassa, em busca de *algum vazamento, algo que escapasse do instituído*⁹⁶.

Esse algo que encontro, *em alguns livros separados para serem descartados*, é justamente o que escapa.

Traças.

Encontro vestígios, indícios, sinais.

De algo *que por ali já passou*.

Traças.

Encontro algo *cuja presença se dá a partir de sua ausência*.

De algo que vazios deixou.

Traças.

Vazios por elas *cavados dispararam então, uma problemática, um processo de criação que se iniciava...*

Experimentei esses vazios.

O que pode uma escrita acadêmica que produz e experimenta vazios?

Produzir vazios como uma traça que devora livros, cavando o que é dado como evidente.

Como quem devora *estratos que compõem uma noção majoritária*.

Uma escrita que cava *ditos e vistos em educação*.

Produzindo vazios *enquanto abertura para invenções* de outros modos.

Dessa vez começamos com as traças. Animal não humano muitas vezes subestimado e que causa transtornos. Silenciosas, inocentes. Muitas vezes

⁹⁵ A traça dos livros.

⁹⁶ Esse texto apresenta-se como um outro movimento, enquanto exercício e experimentação, de uma relação com os começos outros. Para esse momento, trago uma tese de doutorado em Educação intitulada “Entre o visível e o enunciado em educação: o que pode uma docência que cava a si mesma?” (2018) de Francieli Regina Garlet. O itálico é Francieli quem diz.

passam despercebidas, porém são capazes de provocar perturbações na ordem das coisas. De hábito noturno e comportamento esquivo, são encontradas em vãos, rachaduras, fendas, armários, e... livros. Em busca de abrigo e alimento, encontrar um livro cheio de celulose é um prato cheio. Cavar vazios é sua especialidade.

Uma escrita acadêmica enquanto traça. Animal não humano que muitas vezes causa receio, medo, engasgo, mas também excitação e prazer. Sempre causando transtornos. Não tem como passar despercebida e tem potência para perturbar as coisas da ordem. Seus hábitos dependem de quem com ela vive, podendo ter sinais encontrados em vãos, rachaduras, fendas, armários, encontros, textos, filmes, músicas e... livros. Em busca de abrigo e alimento, às vezes fica com fome e sede de algo que a inspire e movimente. Cavar vazios na Norma⁹⁷ é sua especialidade.

Uma escrita acadêmica que cava a si mesma e devora os ditos e vistos em educação em relação a si própria. Produzindo assim, vazios. Vazios nos quais pode *inventar-se, aprendendo modos singulares de existência* e de escrita.

Furar, crivar, *esburacar* uma escrita majoritária *que muitas vezes quer se impor (como a mais correta, como 'normal')*. Não em busca de estabelecer uma nova ordem das coisas, mas sim, de desestabilizar o já dito, o já visto. Não em busca de um fechamento de sentido, mas sim, da afirmação da abertura enquanto possibilidade de começar de novo.

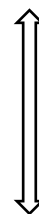
Cavar vazios tem a ver com uma defesa da afirmação de começo. Começar de novo enquanto metáfora para pensar uma escrita acadêmica que não é estática, parada, interpretativa, descritora do mundo.

Mas sim, experimentar vazios enquanto gesto de rachadura do mundo já evidente que perpassa a escrita dentro da universidade.

9. Não empilhe. Cave.⁹⁸

⁹⁷ Norma diz: Al, sai para lá

⁹⁸TADEU, 2007, p. 310.



Gosto de imaginar que
tudo
é passível de escrita^{xii}.⁹⁹

⁹⁹ SAAVEDRA, 2021, p. 119.

Escrita é desvio

O que me agrada é que não sabemos aonde vamos¹⁰⁰.

Desprendendo-se das garras do conforto das certezas, o que pode uma escrita que começa sem saber onde vai dar?

*O curso e o custo de uma pesquisa em curso sem mapa prévio.*¹⁰¹

Uma escrita que, tenta desviar de ser um corpo estático, definitivo, durável, fixo, que fecha. Uma escrita que, tenta buscar um *corpo provisório*, fugaz, inconstante, efêmero, que abre, em busca assim de algum movimento.

Um movimento que afeta quem escreve, mas também a própria escrita.

Porque talvez um (~~novo~~) movimento da escrita acadêmica passe por desbotar de si mesma *a imagem dogmática que produz um texto*. Novo não enquanto progresso, *que leva de um novo para algo estabelecido, uma vez que há uma distância abissal entre ambos*, mas o novo enquanto aquilo que conta com força, com vigor, com potência *de começo, sinalizando para algo que brota com frescor*.

Movimento que não tem a ver com uma velocidade constante, mas sim com um *afastar-se ao menos em parte do campo da representação e de algumas das faculdades descritivas e pedagógicas*.

Movimento que tem a ver com um uma tentativa de *esquivar do ‘pensamento-identidade’*, que difunde *universalidade pela supressão das diferenças*.

Frente ao que insiste em representar e interpretar uma imagem de mundo herdada, viciada, sedentária, desviar-se do que ‘é absoluto’, de alguns caminhos já consagrados, que levam, muito comumente, aos preconceitos, à subordinação e à imobilidade.

¹⁰⁰ FOUCAULT, 2018, p. 74.

¹⁰¹ Esse texto apresenta-se como um outro movimento, enquanto exercício e experimentação, de uma relação com os começos outros. Para esse momento, trago uma tese de doutorado em Educação intitulada “Desvio-escrita-pensamento para traçar possíveis na educação e na pesquisa” (2020) de Cláudia Aparecida dos Santos. O itálico é Cláudia quem diz.

Já não se trata de escrever enquanto *receptiva em uma dependência passiva, como sendo exclusivamente reprodução de ideias*. Pode ser que sim, trata-se de uma escrita enquanto *desvio*. Entendendo *o desvio enquanto estes caminhos à vista aberta, elemento problematizador e disparador ante o apriorismo epistemológico também na produção de pesquisas*.

O desvio enquanto afirmação de *que a pesquisa acontece não apenas pelo que podemos falar/ escrever a partir do que lemos, ou compreendemos, mas também e principalmente pelo que podemos criar*.

Uma escrita acadêmica enquanto criação, que tenta se desvincular de ser uma ação *exclusivamente intelectual*, mas *que responde sempre a uma força criadora*.

Defendo aqui uma criação enquanto qualquer coisa de que se saí transformado¹⁰². Mas que também seja sobre transformar a própria escrita acadêmica. Não uma transformação enquanto metamorfose plena, estrita, completa, mas sobre, novamente, um movimento de deslocamento, ou melhor, desvio do que já se era, do que já se pensava, do que já se instituía ante de nós e da escrita.

Desviar enquanto mudança de caminho, de direção ou de posição *frente ao instituído*. Um desvio para trazer à tona o que não cabe, o que não serve, o que não conta. Trazer à tona o que extrapola, o que escorre, o que derrama, *o que não cabe nos modelos*.

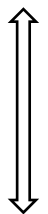
Uma escrita, que afeta e se deixa afetar pelo que acontece, o que arrebatava, o que descontrola, o que restringe, mas não cerceia.

Uma escrita enquanto gesto de composição com a vida e o mundo.

E que aceita a vida com seus *caminhos desviantes e errantes*. Já que não se trata mais das certezas, mas do incerto enquanto impreciso que provoca, atíça, desloca, desvia, movimenta.

¹⁰² FOUCAULT, 2016, p. 289.

Sendo assim, o convite deste texto é um só: chama para a possibilidade de criação, e este desígnio torna possível os movimentos aqui empreendidos. É, em primeira e última instância, o exercício de arrancar-se deste lugar onde se está, para lançar-se para o que pode vir a ser.



“ESTOU LOUCA^{xiii}”

LOUCA^{xiv}: o sujeito

que escreve uma dissertação^{xv}

é atravessado pela ideia de que ela^{xvi} é

ou

está ficando louca^{xvii}.¹⁰³

¹⁰³ BARTHES, 2018, p. 215.

O começo ficou de fora

A partir de um certo momento da pesquisa, ou seja, do texto, o jogo com o começo se fez presente.

O começo jogava comigo, mas eu não sabia muito bem mais como jogar com ele.

Portanto, fiz uma aposta.

Uma aposta de escrita.

Uma aposta em uma escrita que adia a fixação de um único e exclusivo sentido.

Já que o começo era o que se inventava na pesquisa.

Os começos verbais presentes nas teses e nas dissertações foram copiados e colados em uma espécie de apropriação desapropriada criando-se assim começos novos a partir de começos outros.

Essa foi uma saída.

Mas, todavia, entretanto, a partir também de um outro certo momento da pesquisa, ou seja, do texto, o jogo virou e a casa caiu¹⁰⁴.



¹⁰⁴ Strike – O jogo virou (2007).

Provocada pelas forças que me atravessam¹⁰⁵ apostei em movimentar a minha ideia de começo.

Acho que isso tem a ver com inventar novos sentidos para a palavra.

Trata-se de uma experimentação com a mesma.

Não sei nem se para os outros que não essa pesquisa.

Mas para essa escrita, fazer com que os começos significassem outras coisas se fez necessário.

No entanto, nessa invenção obstinada de significações acerca do começo, não há a pretensão de uma substituição de sentidos. Em que um sentido substitui o outro, e o outro e o outro...

Aqui se aposta em um exercício de escrita que em meio a rodapés e rodopios¹⁰⁶ mantém ecoando esse começar, esses começos da escrita.

A tentativa é de começo enquanto palavra plural¹⁰⁷.

Começo antes muito localizado e localizável, se identificando muito mais com uma ideia de início.

¹⁰⁵ Ok, gente, provocada pela banca de exame de projeto (entre outros)...

¹⁰⁶ Esqueça os rodapés. Tente os rodopios. (TADEU, 2007, p. 309).

¹⁰⁷ BLANCHOT, 2001.

Acho que não extrapolei a minha ideia de começo ainda.

E ela ficou plana, direta e reta.

O começo era palavra enquanto representação.

Porém a tentativa é fazer o começo poder ser outra(s) coisa(s).

Pensei até em deixar de lado o substantivo e tratar o começo enquanto verbo¹⁰⁸.

Em busca de um efeito que fosse menos da ordem da nomeação e mais da ação enquanto movimento de (re)começar.

O começo estava só dentro do texto. E agora, tento percebê-lo do lado de fora.

Porque você não imagina o que ficou de)fora(.¹⁰⁹

¹⁰⁸ Qual o efeito do “verbalizar” um substantivo?

¹⁰⁹ STIGGER, 2012, p. 77.



(...) Sua combinação é única, fundamente o passeio em diferença que nunca pode repetir-se senão como diferença. É o que se passa com o texto: não pode ser ele mesmo senão na sua diferença.¹¹⁰

¹¹⁰ BARTHES, 2004, p. 70.

Escrever diferença

Não se trata meramente de escrever diferente [embora também possa ser]¹¹¹.

O que pode uma escrita acadêmica enquanto prática de liberdade? E de que modos a liberdade pode ter a ver com a diferença?

Não se trata meramente de escrever diferente [embora também possa ser].

Um texto que começa com uma palavra incômoda: liberdade e, depois, sua relação com outra difícil: diferença.

Não se trata meramente de escrever diferente [embora também possa ser].

Um texto que começa já acompanhando um movimento de pensamento pois, a princípio, buscava-se aqui, nesse texto/dissertação, pensar um tal “escrever diferente”. Mas... gente do céu... o que seria escrever “diferente”? O que eu estava entendendo enquanto escrever “diferente”? “Diferente” do que? “Diferente” no que? “Diferente” por quê? “Diferente” para quê?

Não se trata meramente de escrever diferente [embora também possa ser].

¹¹¹ COSTA, 2017, p. 23.

Esse movimento de pensar o escrever “diferente” me trazia a questão da liberdade. Porém essa palavra não parecia assim tão livre, tão leve nem tão solta¹¹².

Não se trata meramente de escrever diferente [embora também possa ser].

Estranho é essa palavra me causar tanto estranhamento, de início - no início -, eu não sabia muito bem o que fazer com ela. Parecia que estava fora do lugar, café com açúcar, dança sem par¹¹³. E então, em um movimento não de definição, mas movimento enquanto mobilização do que já se pensava, resolvi falar com a palavra, pensar o que ela exercita e nos ajuda(ria) a ser. Para tanto, me aproximo dos ditos e escritos de Foucault em relação as práticas de liberdade.

Não se trata meramente de escrever diferente [embora também possa ser].

Faço esse movimento de aproximação com Foucault porque a partir de um certo ponto, pensar que o escrever diferente tinha a ver com uma liberdade individual, racional, apriorística, concedida, total, fora das relações de poder, não me soava mais interessante. Com Foucault, alguns sentidos serão remexidos, indo com Foucault para não pensar a mesma coisa que antes.

¹¹² As Frenéticas – Dancin’ days (1978).

¹¹³ Cazusa - O nosso amor a gente inventa (1987).

Não se trata meramente de escrever diferença [embora também possa ser]¹¹⁴.

Para começar, vem comigo conforme for lendo. Deixe de lado noções prévias do que seria liberdade. Pois não se trata mais de definir. É assim que eu estou tentando fazer conforme vou escrevendo e deixando de lado, em stand-by, os ecos que eu ouvia, o peso transcendental que à priori a palavra trazia. Os ecos que ecoavam de algumas noções já ditas, evidentes, esperadas sobre a liberdade. Acalmando o ritmo acelerado e mecânico do pensamento e pôr a liberdade em questão. Deixar quietinhas velhas crenças e a aparente neutralidade de algumas palavras. Talvez assim consigamos elaborar, construir, desenhar, escrever uma outra noção de liberdade que funcione de outra maneira e para o que estamos pensando aqui.

Não se trata meramente de escrever diferença [embora também possa ser].

Como disse, abraçando influências foucaultianas, tento empenhar um deslocamento de pensamento ao pensar a liberdade a partir das práticas de liberdade. De alguma maneira, quando penso na Norma¹¹⁵, sim, a Norma que vai nos acompanhar durante um bom tempo nessa dissertação, olhá-la como

¹¹⁴ A mudança na frase repetida de Luciano Bedin da Costa (2007) – de diferente para diferença – marca um deslocamento teórico do pensar nessa pesquisa. Menos sobre um diferente que beira o fetichismo e mais sobre uma experimentação diferencial da escrita.

¹¹⁵ A Norma aqui aparece como personagem. Personagem que roubei (mais um roubo!) da dissertação Lucien (2017). A Norma simboliza as demandas que de alguma forma são capazes de constranger e limitar o fazer pesquisa dentro da Academia. Mas que ao mesmo tempo acabam produzindo o que não é esperado. Penso na aparição da Norma, nessa dissertação, enquanto personagem conceitual (DELEUZE, GUATTARI, 1991).

produtora soa interessante. A Norma enquanto presença, enquanto presente, que se faz e fazemos presente na vida da escrita, que também é a nossa, na universidade. A Norma enquanto presença marcante nos processos de escrita acadêmica que vivemos. A relação com a Norma, suas regras, seus querereres, suas condutas acabam por produzir certas formas características, marcantes, difundidas de escrita na universidade. Porém, a Norma produz até o que ela não espera. Talvez seja por aqui que a via da escrita enquanto prática de liberdade exercita-se.

Não se trata meramente de escrever diferença [embora também possa ser].

A Norma enquanto presença marcante, porém que não atua não como um mero bloqueio, como imobilização, como impedimento. A Norma mais como condutora de certos modos de escrever, do que simplesmente um impedimento do escrever de outro modo. A Norma enquanto quem torna certos modos de escrita mais ou menos prováveis, (tenta) certificar-se de que certos modos de escrita tenham mais ou menos legitimidade. Não sei se seria tão interessante assim simplesmente a proibição de outros modos de escrita, talvez seja mais sobre cultivar certos tipos de desejos.

Não se trata meramente de escrever diferença [embora também possa ser].

Em qualquer possibilidade, a existência não é totalmente, completamente, estritamente aprisionada. Há sempre o que escapa. E o que a liberdade tem a ver com isso? A liberdade foucaultiana enquanto. exercício. A liberdade, então,

não como conceito ou substância, ou como algo a ser alcançado, quase um estado transcendental. Mas sim como algo que tem que ser praticado, reafirmado, exercitado. Práticas de liberdade são sempre possíveis e vetores de transformações subjetivas.¹¹⁶

Não se trata meramente de escrever diferença [embora também possa ser].

Exercitar a escrita acadêmica enquanto prática de liberdade? Seria a universidade um espaço possível de liberdade na qual podemos inventar outras formas de vida¹¹⁷ e de escrita? É preciso pensar as práticas possíveis de liberdade.¹¹⁸ Poderia a escrita acadêmica ser uma delas? Veja que um deslocamento aqui foi viável. A escrita enquanto prática de liberdade me traz para a ideia de experiência em Foucault, entendida como qualquer coisa de que se saí transformado¹¹⁹. Experiência enquanto aquilo que permite escapar a condições normativas através de uma modificação, de uma transformação de si (transposição do limite, transgressão)¹²⁰.

Não se trata meramente de escrever diferença [embora também possa ser].

Exercitar a liberdade da escrita enquanto prática não se trataria também de negar a Norma e todas as suas limitações em busca de um certo fetiche em

¹¹⁶ LAVAL, 2018.

¹¹⁷ RIBAS, 2017., p. 192.

¹¹⁸ RIBAS, 2017, p. 192.

¹¹⁹ FOUCAULT, 2016, p. 289.

¹²⁰ LAVAL, 2018.

torno do diferente. Veja bem, já disse Guimarães Rosa: Toda limitação é estimulante¹²¹. Seria mais do que uma simples recusa, mas sobretudo uma afirmação da diferença, do desvio, da possibilidade da criação, da resistência, da subversão. Seria mais do que dizer “tô fora dessa!”, mas sobretudo de criar novas relações com a Norma. É desobedecer, resistir e contrariá-la! Por uma prática de si que transforma o que somos, o que fizemos de nós e o que dizem que deveríamos ser. Por uma escrita que transforma o que somos, o que fizemos de nós e o que dizem que deveríamos ser. Já dizia Jorge Larrosa “(...) falar como a Norma^{xviii} manda, escrever como a Norma manda e ler como a Norma manda, ao mesmo tempo, é pensar como a Norma manda”. E ele completa, não há modo de “pensar de outro modo que não seja também, ler de outro modo e escrever de outro modo.¹²² Mais como um processo de reinvenção, criação. Se não, a escrita seria somente vista como uma repetição do já dado, do que esperam que a escrita seja. Mas pelo contrário é sobre como nesse jogo agonístico, agonístico enquanto combate, enquanto embate, entre as determinações normativas que às vezes as internalizamos e às vezes resistimos. Sendo um desvio, um diferente do que desejavam, do que esperavam, impuseram que a escrita fosse. Sobre como a escrita pode ser um exercício de multiplicidade, de diferença.

Não se trata meramente de escrever diferença [embora também possa ser].

¹²¹ ROSA, 1962.

¹²² LARROSA, 2016, p. 17.



Comecei e agora?

O começo é pré-começo

Certo dia encontrei com Noemi Jaffe e seu 'Livro dos começos' (2016).

Nele, Noemi diz que começar é cortar algo que passa.

Mas e se escrever for sempre um começar?

E se escrever for sempre, ao meio, em meio, misturada com tudo que nos passa, cortar a correnteza do pensamento? Que tipo de corte é esse que estamos falando?

Nele, Noemi fala que começar é sintoma do desejo de novidade. Os começos contêm a energia do novo. Então será que manter-se começando pode ser um modo de saborear um frescor na escrita?

Nele, Noemi fala que começar é artificial e temporal. Os pensamentos acontecem simultaneamente, sem uma determinada relação de ação e reação ou causa e consequência. Por isso, indicar um começo é somente um artifício de localizar algo no tempo. Um jogo com o tempo que indica algo, algum ponto como um começo.

Que seja, pelo menos, um corte que abre e não um corte que rompe.

?

Em uma entrevista à TV Folha, a entrevistadora diz:

- Tem uma parte do seu livro que você fala sobre a tensão de começar coisas porque começar algo pode ser pior. E escrever um livro que só tem começos é de fato começar ou é se manter nessa tensão pré-começo?

Noemi responde:

- É uma tentativa de ficar, né? Nessa... Acho muito linda a ideia de iminência, do momento anterior às coisas acontecerem. O pré-nascimento, o pré-orgasmo, sei lá, o pré. A espera de que algo vai acontecer, mas aqueles momentos anteriores da coisa acontecer mesmo, são tão saborosos.



Aquilo a que chamamos de princípio único e supremo do todo está para além do todo, de uma determinada parte do todo, por exemplo o ponto culminante das coisas que aí derivou?

Devemos nós dizer, por outro lado, que o todo está no princípio, ou que vem depois dele e é procedente dele?

Pois, a admitir-se que algo está fora do todo – e como seria isso possível? Aquilo a que não falta nada é, de fato, o todo absoluto, mas falta o princípio, e, portanto, aquilo que vem depois do princípio e está fora dele não é o todo absoluto.¹²³



Noemi fala que começar tem a ver com a fúria nomeadora. Pois o começo do texto não é nada, a não ser algo que já vinha ocorrendo, já vinha acontecendo, já vinha se desdobrando, mas que, no entanto, ainda não tinha nome.

Mesmo que nomeado enquanto começo, o exercício é não pensar o começo enquanto origem. Enquanto causa. Enquanto precedente do que depois virá. É uma tentativa talvez que quebrar com a linearidade do pensamento e de perceber o começo, os começos da escrita como algo que se dá em meio a tudo que passa e acontece.



¹²³ AGAMBEN, 1999, p. 22, corre aqui!

Pode uma escrita ser feita de começos?

?

Quantos começos cabem em uma escrita?

?

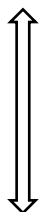
Quais os efeitos de uma escrita acadêmica que começa quantas vezes quiser porque se mantém em uma tensão pré-começo?

?

O que é o começo sem ser um pré?

?

Como fazer começo não ser somente um antes?



Você não existe.
E eu também não.

Você não existe.
E eu também não.¹²⁴

¹²⁴ Potyguara Bardo - Você não existe (2018).

Dizendo tchau, ou até logo, para o Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde;
para as capivaras e os carrapatos;
para os quero-quero e corujas;
para os morcegos e teias de aranha que se acumulavam no canto das salas de aula;
para os bancos de madeira sem encosto;
para o lago e seus cágados;
para o chão do instituto que escorregava;
para o gramado sem fim que cercava tudo;
para as caminhadas longas de uma aula para a outra debaixo de um sol escaldante que maltrata;
para as árvores e suas epífitas;
para o lago do Instituto de Agronomia e seu pôr-do-sol;
para a Praça da Alegria;
para os carrapichos que agarravam na beira da calça;
para as aulas que faltava e para as que frequentava;
para os laboratórios com cheiro de formol e bancadas geladas;
para o restaurante universitário e seus sucos com cores neon;
para o laboratório e Bioquímica de Plantas;
para os fungos;
para os girassóis;
para as sombras as árvores e as epífitas;

¹²⁵ Busca-se de alguma maneira contornar algumas armadilhas da autobiografia e para isso três restrições foram impostas: nada de verbo ser, nem a existência da palavra “eu” nem verbos conjugados na primeira pessoa do singular. Além disso uma temporalidade não necessariamente linear teve como estímulo a leitura do livro ‘O peso do pássaro morto’ (2017) de Aline Bei.

para as pipetas;
para a autoclave;
para o fluxo;
E agora?

COMEÇOU ainda aos 22?

Vem que a Educação vai mudar o mundo!

- Amiga, vamos participar da seleção de mestrado em educação para o Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro?

- Vamos!

~Não foi aprovada~

COMEÇOU aos 23?

De volta ao container a partir da experiência da falha¹²⁶ fazendo novamente uma prova de seleção para o mesmo programa, porque talvez seja sobre falhar de novo para poder falhar melhor, como disse Beckett.

Será que agora vai?

~E foi~

aos 24?

Se deu conta de que queria alguma coisa com a escrita!

Logo ela!

¹²⁶ Não vejo como seria possível continuar começando nessa dissertação sem pensar nos fracassos e nas falhas. Ou, numa certa incompletude inescapável do “eu” e do que se escreve.

Logo ela que nem sabia que era possível pensar a escrita na universidade!

Um pensar a escrita que não veio a partir de autores e autoras que leu, nem de discussões que participou. Nem eventos, nem conferências e nem oficinas. Menos por afinidade e mais por contraste de duas experiências de escrita acadêmica. Uma na Bioquímica, através da Iniciação Científica, e outra na Educação, através do Trabalho de conclusão de curso.

Aos 19?

“Neste trabalho se pretende avaliar o potencial alelopático do girassol sobre a germinação de capim amargoso (*Digitaria insularis*), planta daninha resistente a herbicidas, e sobre a germinação de alface (*Lactuca sativa*), planta modelo para ensaios alelopáticos. Além disso, também serão testados extratos dos tecidos e do óleo sobre os fungos fitopatogênicos, de interesse agrônomo, como *Fusarium oxysporum* e *Rhizoctonia solani*, ambos com ocorrência em diversas culturas.”

Aos 22?

“Se nós lhe disséssemos, já de antemão, que estamos aqui a te contar histórias, talvez, fruto da primeira impressão, isso lhe soasse romântico demais e pouco pragmático. No entanto, caso essa incredulidade tenha passado por sua mente, lhe convido a pensar e refletir sobre as palavras. Assim como Larrosa Bondia (2002) acreditamos no poder delas. Acreditamos no poder inerente a elas que nos garante o desfrute de podermos definir o que somos e o que nos acontece. Acreditamos na possibilidade das palavras de dar sentido ao que a gente é, ao que nos cerca, ao que experienciamos, ao que sentimos e ao que nos fazem sentir. Utilizaremos as palavras, como não poderia ser diferente, mas acreditando no seu prestígio. Acreditamos no poder da narração. Estamos aqui narrando algo e a narração acontece através das palavras. As palavras que

escolhemos, que nomeamos, que usamos ao explicar o que vivemos, o que pensamos, o que fazemos, o que sentimos são muito mais que apenas palavras. E, ainda, quando narramos, geralmente, narramos para o outro que não nós. Transformamos algo nosso, limitado, em algo que pode se enraizar no outro e assim gerar outra vivência, outros pensamentos, outros sentidos, outras experiências que posteriormente serão outras mais novas experiências para posteriores pessoas. A transformação do limitado em ilimitado.”

Aos 15?

Compre um caderno.

Escreva textos que não são seus no caderno.

Aos 25?

Qual a força de pensar com como, inevitavelmente, estar na Academia é, de algum modo, casar-se contente, de papel passado e presente¹²⁷ com a escrita?

?

Não me lembro como, nem quando - o que não é um problema pois não estamos aqui para trazer o começo enquanto origem - conheci o grupo, ou talvez seria melhor dizer a corrente literária do “OuLiPo - Oficina de literatura potencial”, um laboratório de escrita experimental que reuniu escritores como George Perec, Italo Calvino, Raymond Queneau, entre outros, nos anos 60 e 70.

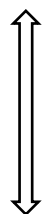
Difícil falar do grupo e não pensar com palavras como restrição, limite e regra. Os seus exercícios de escrita sempre partiam de alguma restrição, de algum

¹²⁷ Cássia Eller – E.C.T. (1994).

limite ou de alguma regra que preexistia a escrita. Não se tratava do controle pelo controle e sim da restrição como princípio criativo de novos modos de escrita e abertura de novos caminhos para a literatura. Poderíamos citar obras marcantes como um livro inteiro em francês sem a letra E, a vogal mais frequente na língua, como fez George Perec no seu livro “La disparition” - traduzido para o português como “O sumiço”. Ou como fez Raymond Queneau no livro “Exercices de style” - traduzido como “Exercícios de estilo” - em que uma mesma situação é narrada 99 vezes diferentemente uma da outra. As restrições que antecederam a escrita da minha trajetória foram impostas com inspiração nesse grupo e na restrição como princípio de criação¹²⁸.

E não é assim que escrevemos na academia?

¹²⁸ Gosto de pensar que a partir da restrição implica-se criação dentro da escrita acadêmica.



- Não pode.
- Por que não pode?
- Porque não pode.¹²⁹

¹²⁹ STIGGER, 2012, p. 75.

O fora da Norma só se constrói em relação com a Norma

Mas começar? No meio do texto? Estar disposto? Estar disposto a que?

o fora da norma só se constrói em relação com a norma o fora da norma só se constrói em relação com a
só se constrói em relação com a norma o fora da norma só se constrói em relação com a norma o fora da
em relação com a norma o fora da norma o fora da norma só se constrói em relação com a norma o fora da

Incômodos que basicamente giram em torno do pensar uma pesquisa em educação. Do pensar uma pesquisa dentro de um programa de pós-graduação em educação. Do pensar uma pesquisa educacional sendo uma estudante de mestrado. E as regras do jogo, já dadas, que isso envolve. Afinal, a Norma não descansa. Mas pensando que se para jogar é preciso aceitar tais regras, como seria possível burlar ou enganar a Norma, passar-lhe a perna e pensar outras pesquisas em educação?

o fora da norma só se constrói em relação com a norma o fora da norma só se constrói em relação com a
só se constrói em relação com a norma o fora da norma só se constrói em relação com a norma o fora da
em relação com a norma o fora da norma o fora da norma só se constrói em relação com a norma o fora da

Antes eu estava de mal com a Norma¹³⁰. A Norma sufoca. A Norma constrange. A Norma reprime. A Norma diz o que funciona e o que não funciona. A Norma diz o que serve e o que não serve. “E isso é um problema de pesquisa?”, perguntou outro professor para um colega de turma.

Mas e o que escapa¹³¹? Como fica?

o fora da norma só se constrói em relação com a norma o fora da norma só se constrói em relação com a
só se constrói em relação com a norma o fora da norma só se constrói em relação com a norma o fora da
em relação com a norma o fora da norma o fora da norma só se constrói em relação com a norma o fora da

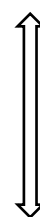
Pensando nisso, e se eu fizesse as pazes com a Norma? E se eu olhasse para a Norma de um outro lugar? Porque, confabula comigo, se o fora da Norma só

¹³⁰ Até bloqueei ela no zap...

¹³¹ Escapar é o que exatamente? Escapar é fugir? E fugir, o que é?

entre quem pesquisa e escreve com a escrita e com a pesquisa, emerge um sujeito. Pensar a pesquisa e a escrita como instrumentos de produção de subjetividades.¹³⁵

¹³⁵ GONÇALVES, 2020.



48. Se perguntarem pelo método, responda: todo.
59. Se perguntarem pelo objetivo, diga: tivo.
111. Se perguntarem pela teoria, ria.
201. Se perguntarem pela norma, informe: não vi.
44. Se perguntarem pela coerência, gagueje.
8. Se perguntarem pelo problema, abra: não tenho.
99. Se perguntarem quem disse, rebata: disseram.
250. Se pedirem para esclarecer, obscureça.
10. Não discorra. Distorça.¹³⁶

¹³⁶ TADEU, 2007, p. 310.

Quando a Norma conheceu a Escrita

ou

Quando a Escrita conheceu a Norma¹³⁷

Na entrevista em anexo ao livro “The Undercommons: Fugitive planning and Black Study.” Fred Moten responde Stephen Shukaitis quando o mesmo lhe pergunta sobre seu processo de escrita. Aqui a escrita aparece acompanhada. Não se escreve sozinho, se escreve? Sei que a pergunta que foi feita por Shukaitis tem a ver com o fato de o livro em questão ser uma obra colaborativa entre Moten e Stefano Harney. Mas pensando nos textos acadêmicos que escrevemos, a todo momento, estamos acompanhados. Mesmo quando só duas mãos escrevem. Estamos sempre em diálogo com o outro, com os outros.

Trago essa referência pois esse meu texto se deu em diálogo com o outro. Em um desses momentos de colocar para fora, colocar em cima da mesa, tornar público. Em um desses momentos de exposição do pensamento, uma indicação de leitura veio. Leitura que despertou esse texto, a escrita desse texto. Inspirada em Moten, quando ele diz: And the conversation develops over the course of time, and you think of new things and you say new things. But, the ideas that are stuck in my head are usually things that somebody else said.¹³⁸ No processo de trazer à tona em diálogo com o outro, an ideia kept stuck in my head. An idea that somebody else said.

Comecei a ler ‘Segurança, território e população.’ meio sem saber onde ia dar. Não que agora eu saiba... Comecei assim de mente aberta: “não tem

¹³⁷ A inspiração desse texto veio graças a indicação, de André Bocchetti, da leitura da aula do dia 25 de janeiro de 1978 de Michel Foucault presente no livro de 2008 “Segurança, território, população: curso dado no College de France (1977-1978)”.

¹³⁸ HARNEY; MOTEN, 2013, p. 104.

nada a ver com o que você está falando”, disse o André. Beleza, não tem nada a ver mas alguma coisa deve ter a ver, né?

Então, ok, vamos lá...

Hum... Beleza... De onde veio esse livro? “A obra surge a partir de um curso de Foucault que aconteceu no Collège de France, entre 1977 e 1978. Do que ele está falando, de uma maneira geral? “Em um total de 13 (treze) aulas, onde ele analisa a gênese de um saber político voltado para o controle da população por mecanismos de regulação matizados no biopoder.”

Gente... por que o André me indicou isso?

Ok, acho que não tem muito jeito, vou ter que confiar.

25 de janeiro de 1978.

Percebi de cara que ia ser um texto que ia mexer comigo. Li assim, de primeira, dei aquela primeira leitura, sabe? A primeira? Aquela que você passa o olho, vai vendo o chão que está pisando, vai vendo o ar que vai respirar. Então, nessa leitura eu já percebi que Opa! Tem coisa aí!

Depois li outras vezes, pesquisei outros textos, fui atrás de comentadores do Foucault e fui fazendo minhas andanças pela rede mundial de computadores, porque, sabe, eu sou daquelas que não gosta de chegar sozinha na festa. Fiquei matutando toda essa discussão de norma, normalização, normatização, e não sei mais o que. Fiquei pensando nisso durante um tempo porque percebia que ali existia algo que traria complexidade para o que eu estava escrevendo aqui nesse texto, sobre a Norma e seus poderes. Em uma espécie de jogo apresento para você aí do outro lado duas cenas. Essas cenas se passam em um mesmo cenário, que pode ser o cenário que você quiser. Aqui quem faz a história também é você. Pode ser uma praça arborizada, uma praia com areia branca e fina, pode ser só uma rua longa cercada de prédios... O que precisa estar presente nessas duas cenas é só uma assimetria pequena, que pensando

com Foucault, talvez, faça toda a diferença. Uma assimetria nos encontros. Uma assimetria na ordem do “quem encontra quem?”.

Em uma das cenas: Escrita¹³⁹ por acaso, caminhando distraída, pela rua, pela praia, pela praça, encontra Norma.

Na outra: A Norma por acaso, caminhando distraída, pela rua, pela praia, pela praça, encontra Escrita.



O jogo da assimetria dos encontros está aqui para pensarmos sobre uma distinção conceitual entre normalização e normação. E ainda, depois normatização. Mais do que um jogo entre palavras outras que derivam da palavra norma, o pensar com esses conceitos, como já disse, traz uma certa complexidade para o que eu venho pensando.

Nesse movimento de pensar escritas outras, a Norma, essa personagem tão presente nos meus escritos, em muitos momentos aparece como alguém já dado, evidente, natural, primário, prescritivo. E a partir dela, a partir da relação que estabelecemos com ela, talvez através de uma certa comparação, algumas escritas seriam mais possíveis do que outras. Assim sendo, seria olhar para os poderes da Norma como normação? Partiria-se da norma para assim ser possível dizer o que seria uma boa escrita e o que não seria, uma escrita mais aceitável, uma escrita menos aceitável. Um jogo duplo que ao dizer o que se encaixa dizemos também o que não encaixa. O que serve e o que não serve. Essa seria a cena em que a Norma encontra a Escrita. Já na cena em que a Escrita encontra a Norma, pensaria-se o inverso. Trataria-se então de normalização.

¹³⁹ Aqui, Escrita é personagem.

Só que aí sinto que mora um perigo. Um perigo de deixar de lado todo um caráter construído da Norma. A partir de Veiga-Neto e Lopes, trazer também para o jogo a palavra normatização. Trazer para o jogo pois ela faz referência as operações de criar, estabelecer ou sistematizar a Norma, as normas. Não se trataria, no entanto, de uma nova proposta, de uma outra Norma. Aqui, afirmamos pelo múltiplo. Mas sim, trataria de perceber o caráter construído e por tanto transformável da Norma.



Entra		impeça
e	repercute	ou ainda, quem sabe...
não	ecoa	
repara a bagunça	ri	se deixa levar pela bagunça
olha	caçoa	flua com a bagunça
arruma	mas não	se misture com a bagunça
desordena	defina	
ignora	interprete	se integre a bagunça
abandona	sufoque	bagunce mais a bagunça.
aumenta		

Eu 'tô te explicando pra te confundir

Eu 'tô te confundido pra te esclarecer.¹⁴³

¹⁴³ Tom Zé - Tô (1976).

O começo jamais começou

Só sei que foi assim que...Tudo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o que, mas sei que o universo jamais começou.¹⁴⁴

?

O que seria uma dissertação que jamais começou?

?

O começo se desdobrava cada vez mais estranho.

Será que se trata, então, de bancar a estranheza da palavra?

Continuar com o estranho que ela evoca?

¹⁴⁴ Começo então com Clarice, começo com o começo de A hora da estrela (1977, n. p.). Será que é muito cafona começar com Clarice e justamente com A hora da estrela?

Pois como pode o pensamento colocar a questão sobre o princípio do pensamento?¹⁴⁵

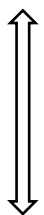
Pois como pode a escrita colocar a questão sobre o começo da escrita?

Como começar pelo início se as coisas acontecem antes mesmo de acontecer?

Jogar com o começo me parece ter um sabor de impossibilidade.

Me envolvi com uma palavra difícil...

¹⁴⁵ AGAMBEN, 1999, p. 23.



Não fui muito longe,
mas já era um começo.¹⁴⁶

¹⁴⁶ DELEUZE, 1992, p.15.

Me peguei pensando o que é bagunçado na escrita acadêmica a partir de uma aposta em um começo que nada inaugura, que se avista sempre ao horizonte, porque não se cansa de começar.

Que escrita acadêmica é essa que começa várias vezes?

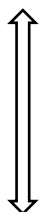
O que há de interessante em pensar uma escrita acadêmica que começa quantas vezes quiser porque se mantém em uma tensão pré-começo?

O que há de interessante em pensar uma escrita acadêmica que saboreia a iminência do que está por vir começando várias vezes?

Seria essa uma aposta possível na universidade? A universidade como um lugar também da falha e do erro.

E do ensaio. Do ensaio não enquanto gênero ou modelo textual, mas enquanto esboço e enquanto rascunho. Mas cuidado, não se engane. Nessa escrita, há apenas uma coisa louvável: ela condena a si mesma.¹⁴⁷

¹⁴⁷ AGAMBEN, 1999, p. 23.



Contemplando, tocando o

bloco de notas^{xix},

sem saber ainda

o que fazer dele.¹⁴⁸

¹⁴⁸ FOUCAULT, 2016, p. 77.

Fragmentos de fragmentos

O TODO COERENTE

Uma escrita inquieta que coloca questões sobre si mesma e entre outras coisas se pergunta: Como insistir e resistir em um curso desunido e interrompido (...) que impõe o fragmento como coerência?¹⁴⁹ De que modos continuar bagunçando o contínuo e manter um todo coerente? Ai as noias da pesquisa... O valor dos fragmentos de pensamento é tanto mais decisivo quanto menos imediata é a sua relação com a concepção de fundo.¹⁵⁰ Vai com calma, Beijamin...

CONTINUIDADE E DESCONTINUIDADE

No fluxo que se pensa, no que se pensa enquanto fluxo, podemos perturbar um pouco a exigência da continuidade do pensamento em uma dissertação? Seria o fragmento um apelo da descontinuidade?

Mas cuidado... Assim como continuidade não é garantia;

Descontinuidade não é “oba-oba”.

PERDER O PÉ

E esses vários fragmentos vestidos de começos funcionam sem perder o pé?
Ou, o que é uma pesquisa que perde o pé?

¹⁴⁹ BLANCHOT, 2001, p.30.

¹⁵⁰ BENJAMIN (2011) apud RAMOS DO Ó, 2019, p. 465.

Perder o pé:

FIGURADO (SENTIDO)•FIGURADAMENTE

Deixar de ter controle.¹⁵¹

RESPIRO E SILÊNCIO

Quem sabe a escrita fragmentária como uma produtora de respiros. Ou produtora de entre-respiros. O que acontece entre um fragmento e outro? É silêncio?

O QUE O FRAGMENTO BAGUNÇA?

Se questionamos a estabilidade do que está ao redor de nós, se questionamos sua fixidez, se questionamos a sua ordem, o fragmento é o que se produz na bagunça na/da/escrita? Ou ainda... O que será que uma escrita acadêmica fragmentária bagunça?

FRAGMENTO FORMA CONTEÚDO

O que será que é preciso para interrogar a forma? Ou as formas? O que a forma interroga? O que outras formas interrogam? Será que é preciso interrogá-la ou bagunçá-la basta por si mesma? Bagunçá-la tem efeito, mas é preciso dizer a que se veio!?!

¹⁵¹ PERDER O PÉ. In: WICKCIONÁRIO, 2021. Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/perder_o_p%C3%A9>.

E TEMPO E ORDEM E ORDEM E TEMPO

Qual o tempo do fragmento? Ele é o que aparece logo? Que contém urgência? Ou é um tempo da persistência? Em que se fragmentando várias vezes se mantém? Qual a ordem do(s) fragmento(s)? Qual aparece logo? Qual aparece depois? Qual vem antes? E qual vem em seguida? O fragmento se vê livre de fixações e definições cronológicas lineares?

FRESCOR DE COMEÇO

O fragmento é munido de prazer e frescor de começo. Fragmento é aposta nos começos. Pois um fragmento sempre começa algo. Começo que não é início. Mas ao mesmo tempo o fragmento contém um fim em si mesmo. Mas de que fim é esse que estamos falando? Um fragmento nunca termina, mas é raro um fragmento não começar algo. Poderemos dizer que o fragmento é uma máquina de produzir começos^{xx}.

INACABAMENTO

O fragmento não como um simples pedaço destacado, resto de algum conjunto despedaçado.¹⁵² O fragmento como algo que pode sim ter um fim em si mesmo, mas um fim que não anseia algum acabamento. O fragmento ao contrário compreende, como vimos, um inacabamento essencial.¹⁵³ Se nada, nem nós mesmos, nos é dado a não ser em um tipo de meia-luz, uma penumbra na qual se esboça o inacabado, em que nada possui nem

¹⁵² PORTIERE, 1989, p. 89.

¹⁵³ PORTIERE, 1989, p. 89.

plenitude de presença, nem patuidade¹⁵⁴ evidente, nem total completude, nem existência plena, o fragmento é ser a realizar¹⁵⁵?

COMEÇO É FULGURAÇÃO DIANTE DO FRAGMENTO

Até onde as fulgurações de sentido e a exigência do fragmentário na escrita acadêmica^{xxi} nos podem transportar?¹⁵⁶

Sinônimo de fulguração

4 sinônimos de fulguração para 1 sentido da palavra fulguração: brilho, cintilação, clarão, fulgor.¹⁵⁷

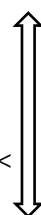
Se o existir está sempre por se definir, se a obra está sempre por fazer, se o fragmento é inacabado, como escrever inventando começos de clarão em clarão que não diante do fragmento?

¹⁵⁴ Para pensar a palavra 'patuidade' ver: CHATEAU, GRANDO, 2019.

¹⁵⁵ SOURIAU, 2020, p.158.

¹⁵⁶ RAMOS DO Ó, 2019, p, 463.

¹⁵⁷ FULGURAÇÃO. In: Dicionário de sinônimos. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/fulguracao/>>.



REPETIR	REPETIR	REPETIR	repetir	REPETIR
repetir	repetir	REPETIR	REPETIR	REPETIR
reptir	REPETIR	repetir	repetir	REPETIR
REPETIR	REPETIR	repetir	REPETIR	repetir
repetir	REPETIR	REPETIR	REPETIR	repetir
REPETIR	repetir	repetir	REPETIR	REPETIR
REPETIR	repetir	REPETIR	repetir	repetir
repetir	repetir	repetir	repetir	REPETIR
repetir	repetir	REPETIR	REPETIR	repetir
repetir	REPETIR	REPETIR	REPETIR	repetir
REPETIR	repetir	repetir	REPETIR	REPETIR
REPETIR	repetir	REPETIR	repetir	repetir
repetir	REPETIR	repetir	repetir	REPETIR

Não tem descanso

Na manhã do dia em que Vargas Llosa fez 59 anos em Porto Alegre, acordei bastante cedo e nem li jornal nem nada, fiquei desde logo tentando escrever, tanta coisa atrasada (...) e de repente era depois de meio-dia e eu estava tonto de fome e fui almoçar sem ter escrito nada. (...) e eu estava começando a me sentir tão, mas tão cansado que concordei com tudo, saí pensando droga, não posso mais voltar aqui, e vim embora continuar tentando escrever.¹⁵⁸

Escrevendo um mapa de meus^{xxxiii} próprios cansaços¹⁵⁹ que começo tudo isso. Começo pelo cansaço porque aposto em seu movimento potencial¹⁶⁰. O curioso disso tudo é que esse cansaço não é meu, nem seu, nem nosso, nem deles. Esse cansaço não tem dona, nem dono! Porque justamente quando estamos cansados perdemos quem somos e o que fazemos. Talvez seja um cansaço que se constitui na relação com uma certa mesmice dos modos de fazer acadêmicos. O curioso disso tudo é que mesmo mortos de cansaço continuamos a nos agarrar com uma vitalidade surpreendente.¹⁶¹ Que sejamos levados para uma região na qual é possível estar cansado¹⁶² já que o cansaço aqui se decompõe em movimento, porque ele não é só claustro ou fechamento. De fato, há aqui um cansaço com uma certa escrita acadêmica maior, ou predominante, ou majoritária, ou... ou... De fato, há aqui um cansaço com uma certa pesquisa maior, ou predominante, ou majoritária, ou... ou... Mas se o cansaço em Blanchot¹⁶³ provoca uma conversa. Esse cansaço com a escrita provoca uma outra – que no fim das contas (ou no começo, lembra?) é esse texto.

¹⁵⁸ ABREU, 2006, p. 202-203.

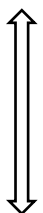
¹⁵⁹ BARTHES, 2003, p. 41.

¹⁶⁰ Potencial no sentido de que para que ocorra movimento é preciso haver energia. E se há energia, há potencialidade.

¹⁶¹ GUATTARI, 2016, *apud* COSTA, 2017.

¹⁶² BLANCHOT, 2001, *sp.*

¹⁶³ BLANCHOT, 2001.



REPETIR	REPETIR	REPETIR	repetir	REPETIR
repetir	repetir	REPETIR	REPETIR	REPETIR
repetir	REPETIR	repetir	repetir	REPETIR
REPETIR	REPETIR	repetir	REPETIR	repetir
repetir	REPETIR	REPETIR	REPETIR	repetir
REPETIR	repetir	repetir	REPETIR	REPETIR
REPETIR	repetir	REPETIR	repetir	repetir
repetir	repetir	repetir	repetir	REPETIR
repetir	repetir	REPETIR	REPETIR	repetir
repetir	REPETIR	REPETIR	REPETIR	repetir
REPETIR	repetir	repetir	REPETIR	REPETIR
REPETIR	repetir	REPETIR	repetir	repetir
repetir	REPETIR	repetir	repetir	REPETIR

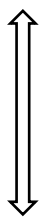
Obrigação e prazer

Dito isso, existe um prazer de escrever? Não sei. Uma coisa é certa, existe, acredito, uma enorme obrigação de escrever. Essa obrigação de escrever não sei muito bem de onde ela vem. Enquanto não se começou a escrever, escrever parece a coisa mais gratuita, mais improvável, quase a mais impossível, aquela a que, em todo caso, ninguém se sentiria obrigado. Então chega um momento - será na primeira página? na milésima? será no meio do primeiro livro? ou depois? Ignoro - em que se percebe que se é absolutamente obrigado a escrever. Essa obrigação anunciada, significada, de diferentes maneiras. Por exemplo, pelo fato de que se sente uma grande angústia, uma grande tensão, quando não se fez, como a cada dia, sua paginazinha de escrita. Escrevendo essa página, damos-nos a nós mesmos, damos à nossa existência uma espécie de absolvição. Essa absolvição é indispensável para a felicidade do dia. Não é a escrita que é feliz, é a felicidade de existir que depende da escrita, o que é um pouco diferente. Isso é muito paradoxal, muito enigmático, pois como pode ser que o gesto tão vão, tão fictício, tão narcísico, tão fechado sobre si mesmo que consiste em se sentar à escrivaninha de manhã e cobrir certo número de páginas brancas tenha esse efeito de benção sobre o resto do dia? Como a realidade das coisas - as ocupações, a fome, o desejo, o amor, a sexualidade, o trabalho - se vê transfigurada porque houve isso de manhã, ou por que se pôde fazer isso durante o dia? Está aí algo muito enigmático. Para mim, em todo caso, é uma das maneiras como se anuncia a obrigação de escrever. Essa obrigação é significada também por outras coisas. Escreve-se porque a vida que se tem ao redor, ao lado, fora longe da folha de papel, essa vida

que não é divertida, mas tediosa e cheia de problemas, que está exposta aos outros, se desmancha nesse retangulzinho de papel que temos debaixo dos olhos e de que somos mestres. Escrever, no fundo, é tentar fazer fluir, pelos canais misteriosos da pena e da escrita, toda substância, não apenas da existência, mas do corpo, nesses traços minúsculos que depositamos sobre o papel. Não ser mais, em matéria de vida, que essa garatuja ao mesmo tempo morta e tagarela que depositamos sobre a gola branca, é com isso que se sonha quando se escreve. Mas a essa reabsorção da vida buliçosa no buliço das letras nunca chegamos. A vida sempre retoma fora do papel, sempre prolifera, continua, nunca chega a se fixar nesse retangulzinho, nunca o pesado volume do corpo chega a se desdobrar na superfície do papel, nunca passamos para esse universo de duas dimensões, para essa linha pura do discurso, nunca chegamos a nos fazer finos e sutis o bastante para não sermos nada mais que a linearidade de um texto, e, no entanto, é a isso que gostaríamos de chegar. Então, não paramos de tentar, de retomar, de nos confiscar a nós mesmos, de escorregar no funil da pena e da escrita, tarefa infinita, tarefa a que estamos fadados. A gente se sentiria justificado se só existisse nesse minúsculo arrepio, nesse ínfimo arranhão que se fixa e que é, entre a ponta da caneta e a superfície branca da folha, o ponto, o lugar frágil, o momento imediatamente desaparecido em que se inscreve uma marca enfim fixada, definitivamente estabelecida, legível apenas para os outros e que perdeu toda possibilidade de ter consciência de si mesma. Essa espécie de supressão, de mortificação de si na passagem aos signos, é isso, acredito, que dá também à escrita seu caráter de obrigação. Obrigação sem prazer, como vê, mas no fim das contas, quando escapar a uma obrigação o

entrega à angústia, quando infringir a lei o deixa na maior inquietude, na maior aflição, será que obedecer a essa lei não é a maior forma de prazer? Obedecer a essa obrigação que não se sabe nem de onde vem nem como se impôs a você, obedecer a essa lei, decerto narcísica, que pesa sobre você e o domina por toda parte, é isso, acredito, o prazer de escrever.¹⁶⁴

¹⁶⁴ FOUCAULT, 2016, p. 64-67.



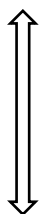
repetir	repetir	REPETIR	REPETIR	REPETIR
repetir	REPETIR	repetir	repetir	repetir
REPETIR	REPETIR	REPETIR	repetir	REPETIR
repetir	repetir	repetir	REPETIR	REPETIR
REPETIR	repetir	REPETIR	repetir	repetir
repetir	REPETIR	REPETIR	REPETIR	repetir
REPETIR	repetir	repetir	repetir	REPETIR
REPETIR	REPETIR	repetir	REPETIR	repetir
repetir	repetir	REPETIR	REPETIR	REPETIR
repetir	REPETIR	repetir	repetir	repetir
REPETIR	REPETIR	REPETIR	repetir	REPETIR
repetir	repetir	repetir	REPETIR	REPETIR
REPETIR	repetir	REPETIR	repetir	repetir re

O começo é repetição

Uma escrita que funciona enquanto exercício de repetição e produção da diferença pois tem para si que começar é possibilidade e abertura. Repete-se o irrecomeçável. Repete-se o que dizem que não pode começar de novo. Um gesto que é repetitivo, porém não repetido. Repetitivo pois ocorre em muitas repetições. Mas não é repetido pois não seria idêntico para suceder novamente. Repetição essa que não é mais do mesmo - o desvio se faz na repetição. Pois não se trata de acrescentar uma segunda e uma terceira vez à primeira, mas elevar a primeira vez a enésima potência.¹⁶⁵ O jogo da repetição provoca ecos, ressonâncias e estranhamentos, abrindo espaços para a multiplicidade. As palavras aparecem como insuficientes para dizer definitivamente, é preciso se desdizer. É necessário repetir variando, buscando o indizível e contradizer-se, sempre duvidando: nunca se alcança a certeza de nada.¹⁶⁶

¹⁶⁵ DELEUZE; 2018, p. 18.

¹⁶⁶ DURO, 2015, p. 55.



REPETIR
REPETIR
REPETIR
REPETIR
REPETIR
REPETIR

Até ficar
diferente.¹⁶⁷

¹⁶⁷ BARROS, 2016, p. 16.

Norma vai almoçar

mas é preciso começar a escrever é preciso começar é preciso escrever mas estava com fome e com fome não se escreve mas que fome é essa é fome de que é fome pra que ficar sentada na cadeira do escritório se já estava dando defeito graças um cheiro barulhento e silencioso de incômodos que envolvem o cômodo e além ou aquém deles o caderno em cima da mesa e um cigarro de palha do lado de um isqueiro com o gás acabando será que o gás da cozinha está acabando será que o meu gás pra escrita está acabando mas nossa que fome abrindo a porta o frio da geladeira vem como um beijo fresco e é claro que há poucas coisas aqui afinal é fim de mês a vida está corrida e não deu tempo de ir no mercado nem nos livros nem nas teses nem nos textos o que temos são tomates cheios de noias textuais berinjelas recheadas do que amarga na boca de um texto lido batatas com palavras plurais garrafas cheias de água translúcida como as dúvidas repolho de ideias verdes sachês de ketchup e mostarda que vieram com o delivery da pizza de sabor de saber¹⁶⁸ da noite passada cebolas com som de problema de pesquisa limões azedos de bagunça leite talhado como autores e um arroz temperado com o que começa é preciso coragem para entrar na cozinha do sentido¹⁶⁹ e nem sempre a coragem se faz presente em uma página em branco que colocada no fogo faz a coisa ir esquentando com um fio de azeite para dourar o que é incerto mas sem parar de mexer para que não grude no fundo quem escreve é uma cozinheira atarefada por que não temperar as palavras¹⁷⁰?

¹⁶⁸ Nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível. BARTHES, 2007, p. 45.

¹⁶⁹ PERRONE-MOISÉS, 2012.

¹⁷⁰ BLANCHOT, 2001.

(...)

1. Não termine pelo fim.

300. Nem comece pelo começo.

35. Troque o fim pelo começo.

53. E vice-versa.

3. Aproveite e troque tudo.¹⁷¹

(...)

¹⁷¹ TADEU, 2007, p. 309.

Ao escrever diante dos começos que essa dissertação instaura, escrever o fim me vinha enquanto incômodo.

Afinal:

De que maneiras pensar o final de uma dissertação que insiste em começar?

Como pensar o fim de algo que não cansa de mobilizar começos?

Será que existe um fim para o meio poder descansar?¹⁷²

Ai as noias da pesquisa...

?

Gostaria, então, de começar, ou melhor, de terminar movimentando agora um outro sentido de fim.

Afinal:

Ao escrever diante dos começos, de que tipo de fim é esse que estaríamos falando?

?

¹⁷² O Terno - E no final (2019). Lembra que o meio é começo?

Mas as duas operações de escrita que me dão o prazer mais forte são, a primeira começar, a segunda, acabar.

No fundo, foi para multiplicar esse prazer que optei (provisoriamente) pela escrita descontínua.¹⁷³

Que se mantenha aqui esse acabar interrogado.¹⁷⁴

Pois, seja como for que ela acabe, seja qual for o momento em que decidimos que a dissertação^{xxiii} pode considerar-se acabada, verificamos que não é para esse ponto que conduzia a ação do contar, que o que conta está em outro sítio, é o que aconteceu antes.¹⁷⁵



Fim enquanto interrupção de algo que vinha ocorrendo.

E não um fim enquanto algo que conclui ou que termina.

Não é culminância.

Não é fechamento.

¹⁷³ BARTHES, 1981, p. 180.

¹⁷⁴ GONÇALVES, 2020.

¹⁷⁵ CALVINO, 1998, p. 163.

Por fim, não é aqui que demonstraria os resultados da pesquisa.

Nem onde faria uma recapitulação geral, reafirmando as contribuições dessa dissertação para o campo, ~~para a sociedade e muito menos para mim mesma.~~

É certo que as formas de pesquisa^{xxiv} tradicionais dão uma impressão de obra concluída.¹⁷⁶

Porém, esta só poderia ser uma conclusão que nunca se escreverá.

Uma tal conclusão^{xxv} não poderia se não repetir-se sem jamais concluir nada.¹⁷⁷

Uma conclusão que não busca ser síntese.



Essa dissertação acaba enquanto esforço de inacabamento. De uma dissertação sempre por fazer. Que experimentou ao escrever por fragmentos repletos, cheios, transbordando e se intrometendo em textos de outros, por entre uma vida que pensa, lê e escreve enquanto mestranda na área da educação, suas relações (e encrencas) com a(s) Norma(s) e certos

¹⁷⁶ CALVINO, 1998, p 163.

¹⁷⁷ BARTHES, 2015, 26.

modos de fazer pesquisa na universidade. Que se bagunçou ao inventar começo que também nunca se mostravam acabados, até porque nem isso almejavam.

Não me parece coerente agora, agora no “fim”, defender ou definir uma certa verdade enquanto representação, como unidade e singularidade do que seria, enfim, ao fim, o começo da escrita. O Texto é descentralizado e sem fechamento.¹⁷⁸



Essa dissertação no fim das contas, se tornou essa eterna procura¹⁷⁹ em que tudo está ainda por fazer; como diz o pintor de Balzac a seu discípulo: “o que conta é a última pincelada”.¹⁸⁰

E essa aqui ainda não é a última porque a cerimônia já, já vai começar...

¹⁷⁸ BARTHES, 2004, 69.

¹⁷⁹ Referência a fala inicial do filme ‘O fim e o princípio’ de Eduardo Coutinho (2006).

¹⁸⁰ SOURIAU, 2020, 175.

Referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando de Abreu. **Pequenas Epifanias**. Rio de Janeiro: Agir Editora Ltda, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. Limiar. In: AGAMBEN, Giorgio. Trad.: João Barrento. **Ideia da prosa**. Lisboa: p.19-28. Edições Cotovia, 1999.

ALVES, Rubem. Ostra feliz não faz pérola. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BARROS, Manoel de. **Livro das Ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2007

BARTHES, Roland. Da obra ao texto. In: BARTHES, Roland. Trad.: Mário Laranjeira. **O rumor da língua**. p. 65-75. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARTHES, Roland. Escritores, intelectuais, professores. In: BARTHES, Roland. **Escritores, Intelectuais, Professores e outros ensaios**. p. 25-61. Lisboa: Presença, 1975.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Trad.: Hortência dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BARTHES, Roland. **O grão da voz: entrevistas**. Trad.: Mario Laranjeira. Edições 70. 1981.

BARTHES, Roland. **O neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Trad.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.

BATISTA, Bruno Nunes. O que Foucault tem a nos dizer sobre métodos investigativos em educação?. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, v. 18, n. 2, p. 155-173, ago. 2018.

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 1 - a palavra plural**. Trad. de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.

CALVINO, Italo. Começar e acabar. *In*: CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio (Lições americanas)**. Trad.: José Colaço Barreiros. p. 147-167. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

COMPAGON, Antoine. **O trabalho da citação**. Trad.: Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. p. 105-131. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. Sem exceção. 2006. Disponível em: <https://www.academia.edu/36023516/SEM_EXCE%C3%87%C3%83O.PRN.pdf>

CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. Manifesto por um pensamento da diferença em educação. *In*: CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. p. 9-17. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CORSEUIL, Lucien Soldera. **Políticas da Bolha: por um itinerário de pesquisa menor**, 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado em psicologia social e institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

COSTA, Luciano Bedin da. **Ainda escrever: 58 combates para uma política do Texto**. São Paulo: Lumme Editor, 2017.

COSTA, Luciano Bedin da; COSTA, Cristiano Bedin da. Short scenes: a escrita acadêmica como combate. **Revista Polis e Psique**, v. 9, n. 2, p. 171-186, jul. 2019.

COUSTILLE, Charles. O que seria uma tese barthesiana?. *Revista Polis Psique*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 247-259, abr. 2017.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**, 1972-1990. Trad.: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Editora Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles. Falhas e focos locais. *In*: DELEUZE, Gilles. **A Ilha Deserta**. Editora Iluminuras, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DURO, Ana Paula Moreira. Beckett e Deleuze: Repetição criadora. **Anais do VI SAPPIL-Estudos de Literatura**, v. 1, n. 1, p. 51-57, 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos III: Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. p. 117-140. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FOUCAULT, Michel. Aula de 25 de janeiro. *In*: FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Tradução Eduardo Brandão. p. 73-116. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault (entrevista com D. Trombadori). *In*: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política. Coleção Ditos e Escritos**, v. VI, p. 289-347. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. Entrevista ao 'Le Monde' (fev. 1975). *In*: ERIBON, Didier. **Michel Foucault: uma biografia**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **O Belo Perigo. Conversa com Claude Bonnefoy**. Trad.: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FOUCAULT, Michel. Sobre Marguerite Duras (entrevista com H. Cixous). *In*: FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Coleção Ditos e Escritos, v. VII, p. 356-365. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. *In*: **Microfísica do poder**, v. 17, p. 69-78, 1979.

GARCIA, Marília. **Um teste de resistores**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

GARLET, Franciele Regina. **Entre o visível e o enunciável em educação: o que pode uma docência que cava a si mesma?**, 2018. 133 f. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

GONÇALVES, Teresa. Começar e, talvez, acabar... Inventar um corpo que escreve na formação de pesquisadores em educação. **Mnemosine**, v. 16, n. 1, 2020.

GRAÇA, Fernando. Guimarães Rosa - Entrevista raríssima em Berlim (1962). Youtube, 8 de dez. de 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/ndsNFE6SP68>>.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. **The Undercommons: Fugitive planning and black study**. Nova York: Minor Compositions, 2013.

INGOLD, Tim. An interview with Tim Ingold: educational-freedom, the craft of writing, and the university. [Entrevista concedida a] Cary Campbell. *Philosophasters*. Abril, 2018. Disponível em: <<https://philosophasters.org/blog/2018/4/15/tim-ingold-on-improv-writing-and-the-future-of-education>>.

JAFFE, Noemi. Leia trecho de "Livro dos Começos", novo livro de Noemi Jaffe. Folha de São Paulo, São Paulo, 06 de dez. 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/12/1714570-leia-trecho-de-livro-dos-comecos-novo-livro-de-noemi-jaffe.shtml>>.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiências. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. *In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice. (Org.). Uma escrita acadêmica outra. Ensaios, experiências e invenções.* p. 17-29. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

LARROSA, Jorge. Palavras desde o limbo. Notas para outra pesquisa na educação ou, talvez, para outra coisa que não a pesquisa na educação. *Revista Teias*, v. 13, n. 27, p. 287-298, 2012.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. *P de professor*. São Carlos: Pedro e João, 2019.

LAVAL, Christian. Foucault e a experiência utópica. *In: FOUCAULT, Michel. O enigma da revolta. Entrevistas inéditas sobre a revolução iraniana.* p. 102-142. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

LAW, John. *After method: Mess in social science research*. Nova York, Routledge, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Lição de casa. *In: BARTHES, Roland. Aula.* p. 47-95. São Paulo: Cultrix, 2007.

PIERRE, Elizabeth Adams St. Writing as method. *In: The Blackwell Encyclopedia of Sociology.* p. 5304-5306. John Wiley & Sons, Ltd, 2015.

PONTIERI, Regina. Roland Barthes e a escrita fragmentária. *Língua e Literatura*, v. 17, p. 81-98, 1989.

RAMOS DO Ó, Jorge. *Fazer a mão por uma escrita inventiva na universidade*. Lisboa: Edições do Saguão, 2019.

RAMOS DO Ó, Jorge; VALLERA, Tomás A oficina do fragmento: Método e processo historiográfico em Walter Benjamin. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 13, n. 32, p. 331-366, 2020.

RIBAS, Thiago Fortes. Práticas de liberdade em Foucault. *Dois pontos*, v. 14, n. 1, p. 181-197, 2017.

SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável: ensaios para depois do fim**. Belo Horizonte: Relicário, 2011.

SAMPAIO, Helena. **Olhei uma infância a desabar sobre uma criança: fotografei o sobre.** 2019 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2019.

SANTOS, Claudia dos. **Desvio-escrita-pensamento: para traçar possíveis na educação e na pesquisa**, 2020. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.

SCHICKORE, Jutta (2020). Mess in Science and Wicked Problems. **Perspectives on Science**, 28(4), 482–504.

SEQUEIRA, Rosane Preciosa. **Rumores discretos da subjetividade**. 2002. 99 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

SOURIAU, Étienne. Do modo de existência da obra a fazer. *In*: SOURIAU, Étienne. **Diferentes modos de existência**. p.156-184. N-1 edições, 2020.

STIGGER, Veronica. **Delírio de Damasco**. Florianópolis: Cultura e Barbárie. 2012.

SÜSSEKIND, Flora. Cosmologias: o que significa existir? Disponível em: <https://youtu.be/YaaOdplKGkA>. Acesso em: 19 de jul. 2022.

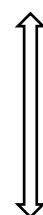
TADEU, Tomaz. Políptico. **Educação em revista**, p. 309-322, 2007.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens**. Lisboa: Editorial Caminho, 2013.

TVFOLHA ao vivo: Noemi Jaffe questiona conceito de 'começo'. Folha de São Paulo, 2016. 1 vídeo. 52m38s. Disponível em: <<https://youtu.be/kknRJRxlHqE>>.

VILLA-FORTE, Leonardo. **Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI**. Relicário, 2020.

VONNEGUT, Kurt. **Barba-Azul**. Lisboa: Difusão Cultural, 1989.



Sumário

Porta da frente	9
COMEÇOS.....	10
Navegação do e no escrever e ler do texto: um inventário	11
O começo é fio	13
Responde, responde, responde.....	18
Onde já se viu uma dissertação sem metodologia?	26
Rasura	34
Experiência na ponta da língua.....	36
O que aparece e desaparece	44
Ou.....	44
Sobre a não linearidade do texto	44
O dilema do pano de fundo.....	48
ou.....	48
Como fazer uma história de fundo que convença?.....	48
ou.....	48
Sem história só há dispersão!	48
ou.....	48
Será que consegui fazer com o que vem aí	48
(ou, melhor, o que está aqui).....	48
deixasse de ser somente devaneio?.....	48
O começo no texto	52
Inspiração	58
De caixa não tem nada.....	58
Traças.....	71
Escrita é desvio	74
O começo ficou de fora.....	78
Escrever diferença.....	82
O começo é pré-começo	89
Começou aos 22?.....	94
O fora da Norma só se constrói em relação com a Norma.....	100
Quando a Norma conheceu a Escrita.....	104
ou.....	104

Quando a Escrita conheceu a Norma.....	104
Bagunça	109
O começo jamais começou.....	111
O começo é ensaio.....	114
Fragmentos de fragmentos.....	116
Não tem descanso	121
Obrigação e prazer	123
O começo é repetição	127
Norma vai almoçar.....	129
O fim é começo.....	131
Referências bibliográficas	135
Sumário.....	141



No original:

- i Fim.
- ii História da minha vida.
- iii Auto biografia.
- iv Livro.
- v Livro.
- vi Livro.
- vii Escrever.
- viii Dez anos.
- ix O meu livro.
- x Apaixonado.
- xi Costureiro.
- xii Leitura.
- xiii Louco.
- xiv Louco.
- xv Apaixonado.
- xvi Ele.
- xvii Louco.
- xviii Deus.
- xix Bloco de Mármore.
- xx Inícios.
- xxi No ato criativo.
- xxii Seus.
- xxiii História.
- xxiv Narrativa.
- xxv Introdução.

